

ORIENTAÇÕES SOBRE A VERSÃO PARA IMPRESSÃO DOS MÓDULOS PORTAL ABERTA

Atualmente as novas tecnologias, sobretudo aquelas ligadas à internet (como computadores, tablets e celulares), têm estado cada vez mais presentes em variados aspectos das nossas vidas, aí incluída a educação. Contudo, sabemos que o acesso à essas tecnologias é bastante desigual em nosso país, dificultando a implementação da educação a distância e por consequência a democratização do conhecimento. Pensando nisso, disponibilizamos uma versão de apoio, em formato PDF, de todos os módulos publicados no Aberta: portal de formação a distância – sujeitos, contextos e drogas.



Na versão para impressão, aparecem sinalizados os endereços eletrônicos para os vídeos, as animações e os hiperlinks constantes no texto. Os recursos como o Glossário e o Saiba Mais podem ser lidos logo após o parágrafo ao qual foram vinculados. Enfatizamos, no entanto, a importância do acesso aos materiais didáticos em sua versão on-line, uma vez que eles apresentam uma série de recursos multimídia desenvolvidos especialmente para este formato e que não podem ser visualizados em sua totalidade na versão em PDF. Por fim, lembramos a importância de referenciar adequadamente os módulos sempre que seu conteúdo for citado. Para isso, disponibilizamos a ficha catalográfica na capa dos materiais com todos dados referentes àquele módulo.

PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES: DA TEORIA À
PRÁTICA PREVENTIVA AO ABUSO DE DROGAS

Eixo Práticas



Portal de formação a distância
sujeitos, contextos e drogas

aberta.senad.gov.br

APRESENTAÇÃO

Este módulo discute o Programa Famílias Fortes como via de desenvolvimento de fatores de proteção familiares para prevenir o uso problemático de álcool e outras drogas e outros comportamentos de risco à saúde de crianças e adolescentes. O Programa Famílias Fortes visa desenvolver valores, habilidades e padrões de interação familiar caracterizados por afeto, proximidade, limites, confiança, autonomia e proteção. Duas palavras o sintetizam: *amor e limites*.



Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a Licença Creative Commons - Atribuição-Não Comercial-Compartilha 4.0 Internacional. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em <http://aberta.senad.gov.br/>.

AUTORIA



Sheila Giardini Murta

lattes.cnpq.br/3872050473238370

Docente no Departamento de Psicologia Clínica e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Desenvolve pesquisas sobre programas de promoção de saúde mental e prevenção a riscos para transtornos mentais para pessoas em diferentes fases do ciclo de vida. Coordenadora, juntamente com Larissa Nobre-Sandoval, dos estudos de levantamento de necessidades para adaptação cultural do Programa Famílias Fortes no Brasil e avaliação da efetividade, qualidade da implementação e validade social desse programa. Coordenadora do Grupo de Estudos em Prevenção e Promoção da Saúde no Ciclo de Vida.



Jordana Calil Lopes de Menezes

lattes.cnpq.br/8634631099196557

Psicóloga, especialista em Gestalt-terapia, mestre em Psicologia pela Universidade de Brasília. Atualmente é doutoranda em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília, onde investiga a adaptação cultural do Programa Famílias Fortes. É professora orientadora do Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-Terapia.



Marina de Souza Pedralho

lattes.cnpq.br/7804758179199656

Bacharel em Psicologia pela Universidade de Brasília, especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental pelo Instituto Capacitar. Integrou a equipe do estudo de levantamento de necessidades para adaptação cultural do Programa Famílias Fortes. Consultora do Ministério da Saúde, como formadora no Programa Famílias Fortes. Psicóloga clínica.



Viviane Paula Rocha

lattes.cnpq.br/4544264011051551

Psicóloga pela Universidade de Brasília, mestre em Educação pela Universidade de Granada, na Espanha. Supervisora da importação, adaptação, implantação e revisão do programa original The Strengthening Families Programme 10-14 UK do Reino Unido para o Brasil, de 2013 a 2015, pelo Ministério da Saúde. É pesquisadora no grupo responsável pelo projeto de avaliação da efetividade, qualidade da implementação e validade social do Programa Famílias Fortes pela UnB.



Larissa de Almeida Nobre-Sandoval

lattes.cnpq.br/3688899603043070

Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, mestre e doutora em Psicologia pela Universidad de Granada. Integra o Grupo de Estudos em Prevenção e Promoção da Saúde no Ciclo de Vida da Universidade de Brasília. Coordenou, juntamente com Sheila Giardini Murta, o estudo para levantamento de necessidades para adaptação cultural do Strengthening Families Programme (SFP 10-14 UK) no Brasil e, atualmente, a avaliação de efetividade, qualidade da implementação e validade social do Programa Famílias Fortes. É sócia e consultora da FLUME consultoria em promoção de bem-estar e prevenção em saúde mental e avaliações.



Clarisse Moreira Aló

lattes.cnpq.br/1096058504904168

Historiadora, mestre em História Social pela Universidade de Brasília. Trabalha com a implementação do Programa Famílias Fortes desde 2013, primeiro como formadora de facilitadores e multiplicadores e depois como supervisora da equipe federal. Como formadora, atuou na revisão e adaptação do Strengthening Families Programme (SFP 10-14 UK) para o contexto brasileiro e facilitou grupos de famílias do programa no Distrito Federal. Hoje atua como supervisora do PFF pela Fiocruz-SENAD, acompanhando a implementação do programa no Ceará, no Rio Grande do Norte, em Sergipe e em Pernambuco.

PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES: DA TEORIA À PRÁTICA PREVENTIVA AO ABUSO DE DROGAS

SITUAÇÃO PROBLEMATIZADORA



https://youtu.be/M_gB229My8A

PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES: DA TEORIA À PRÁTICA PREVENTIVA AO ABUSO DE DROGAS

AMOR E LIMITES

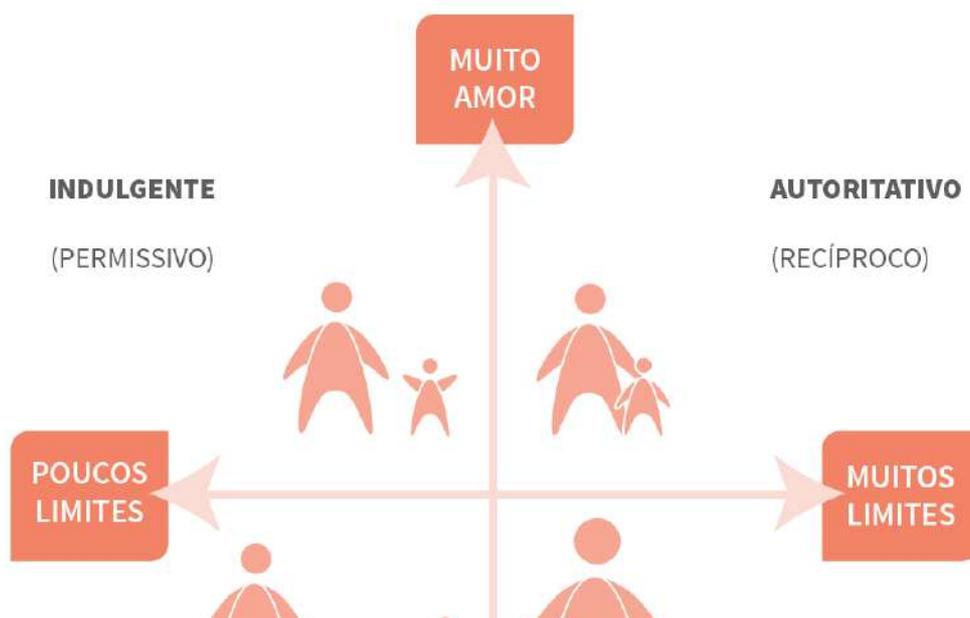
A construção de relações familiares com amor e limites é, certamente, uma estratégia potente para promover a saúde na infância, na adolescência e ao longo do ciclo de vida. A capacidade dos pais ou responsáveis de estabelecerem limites claros e consistentes ao mesmo tempo que demonstram amor e afeto às crianças e adolescentes os protege contra problemas que possam surgir nessa fase ou mesmo na vida adulta. **Pais ou responsáveis** que não são capazes de estabelecer limites e fornecer amor são considerados negligentes e contribuem, por exemplo, para que os jovens façam **uso problemático** de álcool e outras drogas.

Saiba mais

Estilos parentais: autoritativo, negligente, autoritário e indulgente

A combinação dos elementos amor e limites configuram quatro estilos parentais (MACCOBY; MARTIN, 1983), expressos na Figura 1.

Compreende-se por estilo parental um padrão global da interação entre pais e filhos que geram o que os autores chamam de clima emocional (DARLING; STEINBERG, 1993), isto é, o contexto emocional em que se dará a criação dos filhos.



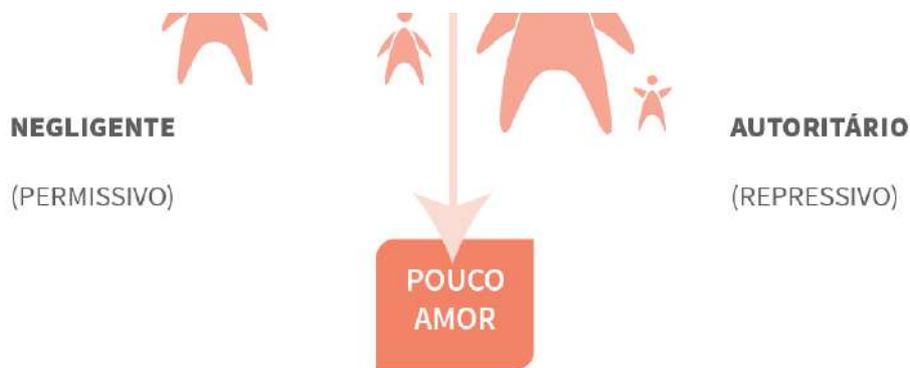


Figura 1: os quatro estilos parentais. **Fonte:** Maccoby e Martin (1983) adaptado por SEAD-UFSC (2017).

O estilo *indulgente* se caracteriza por serem pais muito afetivos, compreensivos, condescendentes, superprotetores, mas, por outro lado, por não estabelecerem limites, exigirem pouca responsabilidade e não promoverem a autonomia. Como consequência, filhos de pais indulgentes possuem baixa competência social, baixo autocontrole, pouca motivação para novos desafios, pouco respeito às normas e às pessoas, carências em autonomia, baixa confiança em si mesmo, baixa autoestima, insegurança e instabilidade emocional, além de dificuldade em responsabilizar-se pela consequência de seus atos (LAMBORN *et al.*, 1991).

O estilo *negligente* se assemelha ao indulgente por não estabelecerem limites ou regras, mas, diferentemente do indulgente, não demonstram afeição, compreensão aos filhos. A essa forma de atuar com os filhos, faltam limites e falta amor. Como consequência, os filhos de pais negligentes apresentam baixo autocontrole, comportamentos impulsivos e agressivos, pouca motivação e capacidade de esforço, são imaturos e pouco competentes socialmente (LAMBORN *et al.*, 1991).

A atuação do responsável com estilo *autoritário* é rígida, estrita, primando pelo cumprimento das regras e com exigência de altos níveis de obediência. É comum nesse estilo práticas coercitivas, monitoramento constante e estressante, acompanhado da ausência de expressão de afeto, de compreensão. É um estilo que invalida os sentimentos dos filhos e não se conecta com suas emoções, portanto acaba gerando como consequência filhos com baixa autoconfiança, prejudicados em sua autonomia, pouca criatividade e espontaneidade, agressividade e impulsividade, que procuram agradar a todas as pessoas em seu entorno e têm uma identidade débil (BAUMRIND, 1971; LAMBORN *et al.*, 1991).

O quarto e último estilo, o *autoritativo*, associa, portanto, amor e limites. A interação com os filhos é regida por regras e limites, acompanhada de expressão de afeto, valorização e respeito, entretanto exige-se responsabilidades coerentes com a maturidade dos jovens. Esse estilo apresenta consequências mais saudáveis, os filhos demonstram melhores interações sociais em geral, maior autocontrole, senso de identidade, autonomia e iniciativa. Favorece a autoestima dos jovens, os leva à construção de autoconceitos mais realistas, senso de responsabilidade por seus atos e suas consequências nas pessoas e em seu entorno. O estilo se relaciona com condutas pró-sociais dos jovens e com menos frequência e intensidade de conflitos na interação de pais e filhos (BAUMRIND, 1971; 1997; STEINBERG, 2001).

Steinberg (2001) investigou os processos centrais envolvidos no desenvolvimento de uma criança a partir do estilo autoritativo e identificou que, primeiramente, esse tipo de pais criam seus filhos com envolvimento, tornando a criança mais receptiva às suas influências, permitindo uma socialização eficaz e eficiente. Logo, a combinação entre apoio e “estrutura” (que aqui entenderemos como regras e limites claros) favorece o desenvolvimento das habilidades de autorregulação, autonomia e senso de responsabilidade. E, ao final, as interações entre pais e filhos caracterizadas por sensibilidade e exigência promovem as competências cognitivas e sociais dos filhos, já que estas oferecem um modelo de interação, o que favorece o funcionamento do jovem também em contextos externos à família. O impacto do estilo parental autoritativo está sumarizado na Figura 2.



Figura 2: impacto do estilo parental autoritativo. **Fonte:** SEAD-UFSC (2017).

Glossário

Link do vídeo: **Uso e abuso de drogas** (<https://www.youtube.com/watch?v=h0gpN6bIDAM>)

Por isso, este texto pode interessar não apenas aos que se ocupam da prevenção ao uso problemático de álcool e outras drogas, mas a todos que atuam em áreas relativas à saúde e ao desenvolvimento da criança, adolescente e família e buscam compreender os processos que devem nortear ações educativas e promotoras de empoderamento da **família**.

Saiba Mais

Para compreender o conceito de família abordado neste módulo e a relevância da família na prevenção ao abuso de drogas, acesse o módulo **O sujeito, os contextos e a abordagem psicossocial no uso de drogas** (<http://www.aberta.senad.gov.br/modulos/capa/o-sujeito-os-contextos-e-a-abordagem-psicossocial-no-uso-de-drogas>).

UM POUCO DE HISTÓRIA



CONTEÚDO INTERATIVO



<https://youtu.be/e0Vz9dGeKf8>

PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES: DA TEORIA À PRÁTICA PREVENTIVA AO ABUSO DE DROGAS

O STRENGTHENING FAMILIES PROGRAMME (SFP UK 10-14) NO BRASIL

Pense nisso...

Quais atividades realizadas por sua equipe são de prevenção? Quais dessas atividades são específicas para a prevenção do abuso de substâncias ou para fortalecimento de vínculos familiares? Os resultados são sistematicamente avaliados?

Quais são os resultados dessas atividades para a comunidade? Se os resultados foram avaliados, eles foram registrados e publicados em algum meio científico?

No Brasil, adotou-se em 2013 o Strengthening Families Programme (SFP 10-14 UK), versão adaptada do original pelo Reino Unido. Isso ocorreu devido a uma demanda por programas de prevenção ao uso problemático de álcool e outras drogas, identificada pelo Ministério da Saúde. À época, a Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas, em parceria com o Escritório das Nações Unidas para Drogas e Crime (UNODC), selecionou três programas de prevenção baseados em evidências e com pesquisas publicadas sobre sua efetividade e **adaptabilidade cultural**.

Além do Strengthening Families Programme, também foram adotados o Good Behaviour Game e o Unplugged, hoje chamados **Programa Elos** (<http://www.aberta.senad.gov.br/modulos/capa/jogos-elos-construindo-coletivos-bases-para-sua-aplicacao>) e **#TamoJunto** (<http://www.aberta.senad.gov.br/modulos/capa/programa-preventivo-tamojunto-bases-para-sua-aplicacao>) respectivamente (SCHNEIDER *et al.*, 2016; MEDEIROS *et al.*, 2016; PEDROSO; ABREU; KINOSHITA, 2015).

A importação do SFP 10-14 UK foi necessária porque no Brasil não há registro de programas com evidências de efetividade para serem aplicados em larga escala (ABREU, 2012). Mas, para que ele de fato trouxesse os resultados esperados para o Brasil e prevenisse o uso problemático de álcool e outras drogas entre os jovens, o programa passou por um processo de adaptação cultural para o Brasil.

Glossário

Adaptação cultural - Modificação sistemática de uma intervenção para ajustá-la à cultura, ao contexto e à linguagem do público-alvo, considerando os valores, significados e padrões culturais (CASTRO, F. G.; BARRERA JR., M.; HOLLERAN STEIKER, L. K. Issues and challenges in the design of culturally adapted evidence-based interventions. **Annual Review of Clinical Psychology**, v. 6, p. 213-239, 2010.).

Você sabia?

As intervenções desenvolvidas em outros países ou regiões podem funcionar muito bem desde que sejam adaptadas para a cultura local, de forma que se tornem atrativas, claras, relevantes (CASTRO; BARREIRA; MARTINEZ JR., 2004).

O primeiro passo desse processo de adaptação cultural do SFP 10-14 UK foi a tradução do programa para o português, que foi traduzido como Programa Fortalecendo Famílias e aplicado em serviços de fortalecimento de vínculos, equipamentos integrantes das políticas de **proteção social** básica, em seis regiões administrativas do Distrito Federal: Paranoá, Sobradinho, Núcleo Bandeirante, Taguatinga, Ceilândia e Gama. Nessa aplicação, realizou-se um **estudo** (<http://www.geppsvida.com.br/pesquisa-2/projetos-de-pesquisa/avaliacao-do-processo-de-implementacao-e-de-adaptacao-cultural-do-programa-fortalecendo-familias-sfp-10-14-fase-pre-piloto-2013-2014>) para examinar a relevância cultural do programa para as famílias participantes que resultou em indicações de adaptações necessárias para adequá-lo ao Brasil (MURTA *et al.*, 2016).

Glossário

Link do vídeo: **Proteção Social** (<https://www.youtube.com/watch?v=uSgllPa-dFk>)

O principal resultado do estudo de adaptação foi o material do programa ter sido considerado pelas famílias e profissionais como atrativo, claro e de conteúdo relevante.

- No ano de **2014**, o então chamado Fortalecendo Famílias passou pelas adequações indicadas no estudo de levantamento de necessidades de adaptação cultural (MURTA *et al.*, 2016) e foi testado em escala sensivelmente maior que a do ano anterior. Nesse ano, foram treinados profissionais de Florianópolis–SC, São Paulo–SP, Fortaleza–CE, Cruzeiro do Sul–AC, Rio Branco–AC e do Distrito Federal para realizarem grupos com famílias em todas essas localidades.
- Em **2015**, o programa foi submetido a novas adaptações de materiais, decorrentes de sugestões dos profissionais que o aplicaram, e recebeu seu nome definitivo: Programa Famílias Fortes (PFF). Também foi o ano em que o número de profissionais treinados e famílias atendidas aumentou para 299 e 366, respectivamente. Aumentaram também os territórios alcançados, levando a uma fase de expansão, no Acre, no Amazonas, em São Paulo, em Fortaleza e no Ceará. Ao final do ano de 2015, foi realizada expansão da equipe de gestores e formadores do programa, com uma parceria firmada com o Ministério da Justiça, através da Secretaria Nacional de Política Sobre Drogas (SENAD) e da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Essa parceria aumentou o número de formadores e supervisoras do programa, possibilitando uma ampliação na escala de abrangência do PFF para o ano seguinte.
- Em **2016**, gradualmente, encorajou-se a execução intersetorial do PFF, com envolvimento dos setores da saúde e educação, além da proteção social básica e dos serviços de proteção especializada.

PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES: DA TEORIA À PRÁTICA PREVENTIVA AO ABUSO DE DROGAS

O STRENGTHENING FAMILIES PROGRAMME (SFP UK 10-14) NO BRASIL

Você pode estar se perguntando por que foram escolhidos os serviços da saúde, educação e assistência social para executar esse programa. Qualquer profissional que passar pela formação de facilitadores pode conduzir as atividades do manual, no entanto, são os profissionais dessas três áreas que acompanham de perto as famílias, inclusive dentro de suas casas.

As ferramentas trazidas por esse programa vêm, inclusive, ao encontro das diretrizes de atuação dos serviços de saúde e assistência social, quais sejam: acolhimento, escuta, vínculo, trabalho em rede, matriciamento, **Projeto Terapêutico Singular (PTS)** e Plano Individual de Atendimento (PIA). A educação também está em contato direto com as famílias e tem interesse em aproximar os responsáveis da vida escolar dos jovens. Além disso, as **políticas públicas** são desenvolvidas em torno dos eixos integralidade, intersectorialidade e transdisciplinaridade, de forma que a interação entre estas três áreas gera resultados positivos para a população.

Glossário

Link do vídeo: **Políticas públicas** (<https://www.youtube.com/watch?v=si0m-EzzS5c>)

Saiba Mais

Projeto Terapêutico Singular (PTS), o que é isso? Como construir um?

Responda essas perguntas acessando o módulo "**Projeto Terapêutico Singular com pessoas que usam drogas: construindo outros modos de acolhimento e cuidado a partir da Redução de Danos** (<http://www.aberta.senad.gov.br/modulos/capa/projeto-terapeutico-singular>)".

Para conhecer mais sobre a história e a expansão do Programa Famílias Fortes no Brasil, leia a dissertação de mestrado *Prevenindo o uso abusivo de drogas: uma análise da difusão do Programa Famílias Fortes no Brasil* (http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21363/1/2016_AnaAparecidaVilelaMiranda.pdf) (MIRANDA, 2016).

Em 2016, uma demanda dos profissionais implementadores foi atendida e o programa foi implementado com um conjunto novo de materiais. Inicialmente, os facilitadores de grupo recebiam um manual considerado grande e pesado contendo anexos que deveriam ser copiados e amostras de cartazes a serem produzidos a cada grupo formado.

Para diminuir o tempo gasto na preparação dos encontros e facilitar o manejo do manual, foi produzido o kit PFF, dividido em pequenos blocos, contendo cartazes, cartões de jogos, manuais para facilitadores, além de cadernos de atividades para cada participante, contendo atividades realizadas no encontro e em casa. Esse kit foi produzido em material de alta qualidade, de forma a ser reutilizado pelos facilitadores ao longo dos anos.

Atualmente, nova expansão do PFF vem sendo planejada pelo Ministério da Saúde e a SENAD. O cuidado de toda a equipe envolvida nesse processo de adaptação e difusão decorre do desejo de estabelecer um sistema de prevenção como política pública no Brasil, que tanto carece de intervenções preventivas e, por isso, sofre com as consequências sociais, familiares e econômicas do uso problemático de álcool e outras drogas.

CARACTERIZAÇÃO DO PFF

O Programa Famílias Fortes **não é um programa para tratamento** de famílias ou jovens com problemas derivados do uso abusivo de drogas, mas sim um **programa preventivo** para crianças e adolescentes que não fazem uso problemático de álcool ou outras drogas. Ele é destinado à **prevenção universal e seletiva** de problemas de saúde do adolescente, como o abuso de drogas, comportamento antissocial e problemas familiares, como violência intrafamiliar e maus-tratos. Como prevenção universal, o PFF pode ser aplicado a qualquer família em que os participantes possuam vínculo e não façam uso abusivo de drogas. Como prevenção seletiva, o PFF pode ser aplicado a famílias selecionadas por estarem expostas a fatores de risco, como situação de pobreza, exposição à violência ou uso problemático de substâncias pelos responsáveis. Seu público-alvo são crianças e adolescentes com idade entre 10 e 14 anos e seus responsáveis (mãe, pai, avós ou outros). Para efeitos práticos, os materiais do PFF se referem às crianças e aos adolescentes participantes como "jovens".

Saiba Mais

Aprenda mais sobre o que é prevenção universal e seletiva no módulo **Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas** (<http://www.aberta.senad.gov.br/modulos/capa/prevencao-dos-problemas-relacionados-ao-uso-de-drogas>).

O PFF, em seu formato original, prevê que os jovens participem acompanhados de seus pais. Tendo em vista a multiplicidade de formatos familiares encontrados no Brasil, os adultos convidados são aqueles que realizam diretamente a criação e educação do jovem, podendo ser tios(as), avôs(ós), irmãos(ãs) mais velhos(as) etc. Por isso, a versão brasileira do programa adota o termo “responsáveis”.

O período de transição da infância para a adolescência é uma fase de mudanças marcantes, na qual contextos de vulnerabilidades sociais têm grande impacto. Por esse motivo, o PFF foca a redução de riscos e o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e emocionais nos adolescentes; habilidades parentais embasadas em amor e limites; e coesão, comunicação, normas e valores familiares, por meio de encontros, chamados encontros familiares, que reúnem os jovens e os responsáveis. Esse conjunto de competências desenvolvidas no adolescente e seus responsáveis melhoram a qualidade da relação familiar e impactam sua saúde de modo geral. Os efeitos esperados do PFF, bem como suas características gerais, estão descritos na Figura 3.



Figura 3: modelo lógico do Programa Famílias Fortes. Fonte: SEAD-UFSC (2017).

PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES: DA TEORIA À PRÁTICA PREVENTIVA AO ABUSO DE DROGAS

CARACTERIZAÇÃO DO PFF

Parte fundamental do formato do Programa Famílias Fortes é a estrutura de seus encontros. O PFF consiste em 11 encontros, dos quais sete são regulares e quatro são de acompanhamento. Os primeiros sete encontros acontecem em semanas consecutivas. Já os quatro encontros restantes ocorrem entre três e seis meses após os sete encontros regulares, com periodicidade semanal, quinzenal ou mensal, e visam relembrar e reforçar os conteúdos vivenciados inicialmente. Os encontros têm objetivos e procedimentos descritos, com minúcias, em manual (ALLEN; FOXCROFT; COOMBES, 2014). São altamente interativos e baseados em atividades de grupo, jogos e observação de episódios de interação familiar em vídeo, a partir dos quais ocorrem discussões e o desenvolvimento de habilidades importantes, cujos objetivos estão indicados a seguir.

Jovem

- Desenvolver habilidades sociais, emocionais e cognitivas.
- Gerenciamento do estresse.
- Resolução de conflitos.
- Habilidade de comunicação.
- Lidar com a pressão dos pares.

Responsáveis

- Melhorar as habilidades parentais.
- Promover estilos parentais eficazes.

Famílias

- Fortalecer os laços familiares.
- Promover a comunicação positiva.
- Melhorar a capacidade de resolver problemas em família.

Cada encontro tem duração de duas horas.

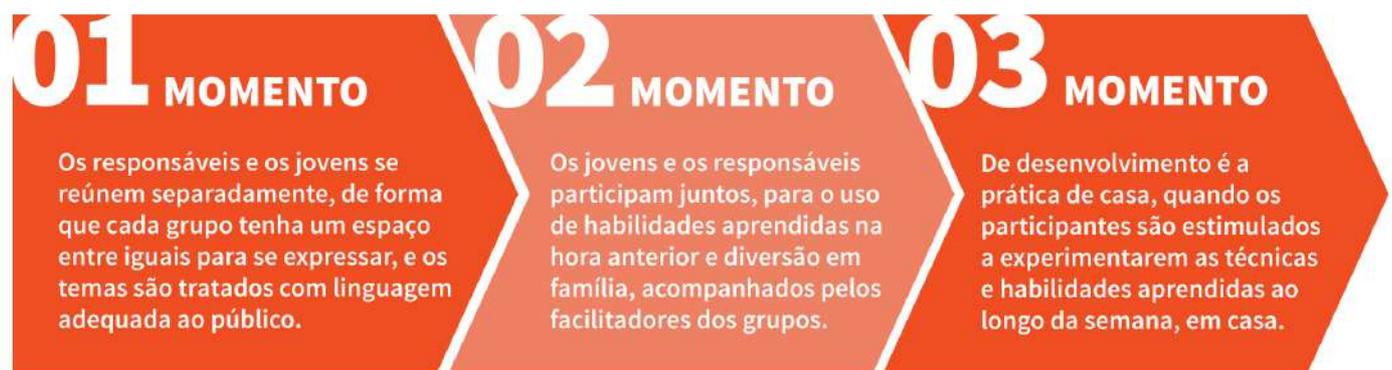


Figura 4: descrição dos momentos de um encontro do Programa Famílias Fortes. **Fonte:** SEAD-UFSC (2017).

Para facilitar o manejo, evitar que os participantes percam o foco e garantir que os encontros dos responsáveis e jovens terminem ao mesmo tempo, as atividades são cronometradas.

Como demonstra a Figura 2, a execução do Programa Famílias Fortes requer uma infraestrutura de apoio, incluindo recursos humanos, espaço físico e recursos materiais. O PFF é executado por três facilitadores, dos quais dois conduzem o grupo de jovens, um conduz o grupo de responsáveis e todos, o grupo de famílias.

O programa não tem caráter psicoterapêutico, podendo ser conduzido por qualquer profissional interessado que tenha passado por formação específica. Fazem, ainda, parte da infraestrutura duas salas: uma para o grupo de jovens e outra para o grupo de responsáveis, já que os encontros ocorrem simultaneamente. Outro elemento relevante é a oferta de lanche aos participantes.

A realização conjunta de refeições, prevista originalmente no PFF, é parte importante da intervenção, e não um mero cuidado prático. Refeições conjuntas são entendidas como um exemplo de ritual familiar que favorece a interação e produz efeitos positivos, especialmente para meninas, reduzindo problemas internalizantes (como retraimento e sentimento de inferioridade) e externalizantes (como agressividade e impulsividade). (YOON; NEWKIRK; PERRY-JENKINS, 2015).

É também requerido que, no local de aplicação do PFF, tenha aparelho de TV e DVD player ou computador e projetor, e também material de papelaria. Um manual e caderno de exercícios para jovens e responsáveis também compõem os materiais necessários à execução do PFF; nesse caso, oferecidos pelo Ministério da Saúde e a SENAD-FIOCRUZ.

O recrutamento das famílias para participação no PFF e em outros programas preventivos é reconhecidamente um desafio, reiteradamente discutido na área (KUMPFER; ALVARADO, 2003; KUMPFER, 2014). Por isso, o Programa Famílias Fortes, em seu formato original, prevê cuidadores para crianças menores de 10 anos e transporte para as famílias, com o intuito de reduzir barreiras para participação e favorecer a retenção das famílias. Outros cuidados para mobilizar e recrutar as famílias a participarem, recomendados por KUMPFER (2014), incluem

a realização de convites conduzidos por pessoas de confiança e respeitadas na comunidade, com as quais as famílias se identifiquem, feitos em encontros face a face ou por telefone. Propaganda boca a boca na comunidade também deve ser encorajada, como convidar outras famílias para cerimônias de encerramento do PFF. Os convites devem ser feitos com conotação positiva (por exemplo: “um programa para melhorar o convívio familiar e a vida escolar”), ao invés de negativa e estigmatizante (“um programa para famílias com problemas ou para filhos difíceis”).

PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES: DA TEORIA À PRÁTICA PREVENTIVA AO ABUSO DE DROGAS

CARACTERIZAÇÃO DO PFF

As experiências com o PFF no Brasil indicam que as famílias que chegam até o terceiro encontro concluem sua participação, exceto em condições de estresse acentuado ou situações impossibilitadoras, como surgimento de novo emprego, mudança da família para outra região ou doença de um dos participantes. Assim, parece crucial o investimento nas etapas que antecedem o primeiro encontro e os encontros iniciais para motivar a participação.

Em cada encontro, realizam-se atividades a fim de aumentar os **fatores de proteção** e diminuir os fatores de risco, para que os objetivos com jovens, responsáveis e famílias sejam atingidos, conforme sumarizado no Quadro 1.

Saiba Mais

Entenda o que são fatores de risco e de proteção ao abuso de drogas por jovens no módulo **Situações de risco e situações de proteção nas redes sociais dos adolescentes** (<http://www.aberta.senad.gov.br/modulos/capa/situacoes-de-risco-e-situacoes-de-protecao-nas-redes-sociais-de-adolescentes>).

ENCONTROS	FATORES DE PROTEÇÃO	FATORES DE RISCO
Encontro 1	Orientações positivas para o futuro; estabelecimento de metas e planejamento; envolvimento familiar como apoio.	Comportamento exigente, severo ou de rejeição; habilidades de comunicação pobres.
Encontro 2	Expectativas parentais apropriadas à idade dos filhos; afeto positivo entre pais e filhos; empatia pelos pais.	Disciplina severa e inadequada; vínculo fraco entre pais e filhos.
Encontro 3	Habilidades de manejo das emoções; coesão familiar.	Disciplina inconsistente, inapropriada, severa ou rígida; má comunicação das regras; comportamento agressivo ou retraído dos adolescentes.
Encontro 4	Habilidades de reflexão dos jovens; empatia pelos pais; valores familiares pró-sociais.	Monitoramento parental fraco; disciplina inconsistente, inapropriada, fraca ou severa, ou rígida; comportamento antissocial dos adolescentes.
Encontro 5	Ambiente familiar coeso e de apoio; disciplina consistente; envolvimento familiar significativo; comunicação familiar empática; habilidades sociais; habilidades de recusa dos pares.	Estilo parental severo, rígido ou indulgente; conflitos familiares; influência negativa dos pares.

ENCONTROS	FATORES DE PROTEÇÃO	FATORES DE RISCO
Encontro 6	Afeto positivo entre pais e filhos; expectativas parentais claras acerca do uso de substâncias; habilidades sociais; habilidades de recusa dos pares.	Mau desempenho escolar; influência negativa dos pares.
Encontro 7	Afeto positivo entre pais e filhos; reforço de habilidades de redução de riscos abordados no programa; reforço de fatores de proteção e pontos fortes dos jovens.	Dificuldade de manejo de estresse no adulto; habilidades sociais fracas nos jovens.
Encontro de acompanhamento 1	Habilidades de interação pró-social entre pares; habilidades efetivas de enfrentamento de estresse.	Habilidades ineficazes de manejo de conflitos; dificuldade de manejo de estresse no adulto.
Encontro de acompanhamento 2	Habilidades de resolução de conflitos; interação marital positiva.	Conflito entre pares; interações familiares hostis e agressivas.
Encontro de acompanhamento 3	Afeto positivo entre pais e filhos; expectativas parentais claras acerca do uso de substâncias; habilidades sociais; habilidades de recusa dos pares.	Disciplina inapropriada e severa; vínculo fraco entre pais e filhos; má comunicação das regras.
Encontro de acompanhamento 4	Interação positiva entre o casal; coesão familiar; habilidades de recusa dos pares.	Interação positiva entre o casal; coesão familiar; habilidades de recusa dos pares.

Quadro 1: fatores de risco e proteção abordados por encontro do Programa Famílias Fortes. **Fonte:** Molgaard, Spoth e Redmond (2000).

Pense nisso...

Com base no que foi visto até aqui, convidamos você a pensar algumas questões: como são trabalhados os fatores de risco e proteção com os usuários do serviço pela sua equipe? Se você tivesse entre 10 e 14 anos e um profissional se dispusesse a ajudar sua família a ter um relacionamento melhor, o que você gostaria que fosse feito? Seria mais agradável e divertido ter momentos junto com seus responsáveis e colegas do que apenas conversas individuais ou palestras? Seria mais fácil aprender se o conteúdo fosse aplicado através de brincadeiras e vídeos?

PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES: DA TEORIA À PRÁTICA PREVENTIVA AO ABUSO DE DROGAS

CARACTERIZAÇÃO DO PFF

No PFF os fatores de risco e os de proteção são trabalhados de forma gradativa e cumulativa ao longo dos encontros, utilizando-se de meios lúdicos e audiovisuais para engajar os participantes nos temas tratados. Em cada encontro, as brincadeiras e atividades se relacionam direta ou indiretamente a um conteúdo específico, o qual se busca desenvolver e debater com os jovens e responsáveis e com a família reunida na segunda hora.

Jovens



Para os **jovens**, são utilizados jogos, brincadeiras e dinâmicas de grupo que buscam, no início de cada encontro, integrá-los e vinculá-los aos facilitadores e entre si e, ao longo do encontro, facilitar e potencializar o trabalho feito com o grupo e o desenvolvimento dos temas propostos. Dois encontros contam com uso de vídeos nos quais jovens encenam uma estratégia de resistência à pressão dos amigos a serem utilizadas por eles.

Responsáveis



Para os **responsáveis**, o programa oferece pautas que incrementam a qualidade das relações familiares a partir da identificação de suas crenças a respeito de si mesmos e de suas práticas parentais. Em cada encontro, de forma gradual e progressiva, as atividades do programa levam os responsáveis a pensarem sobre o que almejam para seus filhos, o que desejam que eles alcancem no futuro, a forma como comunicam suas opiniões, estabelecem regras e expressam seus afetos, de maneira a favorecer que se desenvolvam de maneira saudável. São apresentadas formas práticas para reconhecer progressos, apreciar os filhos e lhes demonstrar amor que, por consequência, têm efeito direto sobre sua autoestima, seu senso de capacidade e a harmonia da relação. Com a mesma intensidade, trabalham-se também as regras e o estabelecimento de limites às ações dos jovens. Os responsáveis também são estimulados a darem apoio aos adolescentes no manejo do estresse e na resistência à pressão de seus pares a partir da assertividade, por exemplo. Atividades dinâmicas permitem que os responsáveis se coloquem no lugar de seus filhos ou se lembrem de como eram na adolescência. Os exercícios são realizados individual ou coletivamente e não têm uma resposta certa, já que visam à interação e ao treinamento da nova habilidade.

Por fim, há de se salientar que os processos promovidos para responsáveis encontram-se, em linhas gerais, alinhados ao conteúdo de diversos outros programas para desenvolvimento de competências para a parentalidade já existentes no Brasil, por exemplo: Weber, Salvador e Brandenburg (2005). Assim, o conteúdo do PFF para responsáveis não é em si inovador, mas consistente com os estudos produzidos ao redor do mundo, incluindo estudos nacionais.

Famílias



Para as **famílias**, o programa oferece um espaço protegido de diversão, interação, treino de estratégias de comunicação, solução de problemas, expressão de afeto, entre outras. Todos os encontros começam com uma brincadeira que favorece a aproximação dos responsáveis a seus filhos e segue com atividades a serem realizadas pelas famílias separadamente ou com todo o grupo. Esse momento é especial por ser um espaço de conversa, identificação de valores da família, troca de elogios, conhecimento mútuo, expressão de sentimentos, definição conjunta de regras da casa etc., sempre com o auxílio dos profissionais facilitadores. Em todos os focos (família, responsáveis e jovens), o conteúdo e a técnica do PFF são permeados de forma constante pela demonstração de afeto e valorização entre responsáveis e jovens.

Assim, um diferencial do PFF reside no fato de intervir nos jovens e em seus responsáveis, tanto individualmente quanto em família. Destaca-se que essa é uma das características reconhecidas em intervenções preventivas efetivas para a família, ao lado de várias outras, conforme Kumpfer e Alvarado (2003). A participação conjunta de jovens e responsáveis facilita para que ambos se conheçam, se comuniquem e fortaleçam os laços afetivos.

Outras características de intervenções preventivas potencialmente efetivas estão descritas a seguir.

ASPECTOS CENTRAIS PARA O SUCESSO DE INTERVENÇÃO COM FAMÍLIAS

- 01** Foco em vários fatores de risco e proteção (multicomponente).
- 02** Trabalhar com a família, e não somente com os jovens ou os pais, enfatizando as forças, fatores protetores e resiliência.
- 03** Incluir na intervenção técnicas para melhorar as relações familiares, a comunicação e o monitoramento parental.
- 04** Visar a mudanças familiares em nível cognitivo, afetivo e comportamental.
- 05** Aumentar a duração da intervenção para familiares expostos a maiores fatores de risco e menores fatores de proteção.
- 06** Ser adequada à idade e à fase de desenvolvimento do jovem.
- 07** Ser sensível às necessidades da família.
- 08** Intervir precocemente em famílias disfuncionais.
- 09** Adaptar a intervenção à cultura local para melhorar o recrutamento, adesão e efetividade.
- 10** Incentivar a participação e aumentar a adesão através do oferecimento de transporte, lanches, premiações e certificação das famílias.
- 11** Os aplicadores contribuem para a eficácia da intervenção quando são confiantes, verdadeiros, cordiais, bem-humorados, empáticos e capazes de estruturar as sessões e serem diretivos.
- 12** Ser interativo utilizando jogos e atividades lúdicas, em vez de adotarem o modelo de palestra.
- 13** Adorar um modelo colaborativo em que as famílias sejam estimuladas a encontrar soluções para seus próprios problemas e a refletir sobre seus relacionamentos sem que recebam respostas prontas.

Figura 5: aspectos centrais para o sucesso de intervenção. Fonte: SEAD-UFSC (2017).

PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES: DA TEORIA À PRÁTICA PREVENTIVA AO ABUSO DE DROGAS

BASES TEÓRICAS

É importante que as intervenções sejam criadas com base em teorias, inclusive aquelas destinadas ao serviço público. O Programa Famílias Fortes foi desenvolvido com base em diversas teorias, sendo o modelo da ecologia social do abuso de substância na adolescência (KUMPFER, 2014; KUMPFER *et al.*, 2014) e o modelo da resiliência (KUMPFER; BLUTH, 2004; KUMPFER, 2014) as principais bases teóricas. Além desses modelos, são também reconhecidas as contribuições advindas da teoria dos sistemas familiares de Bowen (KUMPFER *et al.*, 2014; KUMPFER, 2014) e da teoria cognitiva social de Bandura (KUMPFER *et al.*, 2014; KUMPFER; BLUTH, 2004; KUMPFER, 2014). Ademais, a teoria do apego de Bowlby e a teoria bioecológica de Bronfenbrenner (KUMPFER, 2014) são apontadas como bases teóricas relevantes para este e outros programas preventivos focados na família. Por fim, Molgaard, Spoth e Redmond (2000) apontam, além do modelo da resiliência, também o modelo da vulnerabilidade psicossocial e o modelo do processo familiar como bases para o Programa Famílias Fortes.

Neste texto, será dada ênfase aos dois primeiros modelos teóricos: o modelo da ecologia social do abuso de substância na adolescência e, especialmente, o modelo da resiliência, dada a centralidade de ambos os modelos no embasamento do programa.

Contudo, a título de informação mínima, uma síntese dos pressupostos e contribuições dessas teorias está descrita no Quadro 2, no qual se pode notar que essas bases teóricas impactam diretamente o objetivo (o incremento de processos protetivos diversos, especificados mais adiante), o conteúdo (multicomponente) e o formato do Programa Famílias Fortes (encontros familiares, em vez de exclusivamente encontros para responsáveis ou para jovens). Adicionalmente, essas teorias oferecem diretrizes para a formação de facilitadores (o que deve ser ensinado), o monitoramento da qualidade da implementação (o que deve ser implementado) e a avaliação de efeitos desse programa (o que deve ser avaliado). Entretanto, a análise destes últimos aspectos escapa ao escopo deste texto.

MODELO	PRESSUPOSTOS	IMPLICAÇÕES PARA O PFF
Modelo da ecologia social do abuso de substância na adolescência	São fatores protetivos para o uso de drogas autocontrole e autoeficácia acadêmica, vínculo familiar, supervisão familiar, normas familiares e dos pares, e comunidades com rede de suporte e normas desfavoráveis ao uso de drogas.	O PFF adota procedimentos que estimulam o autocontrole e a autoeficácia; discutem a qualidade das amizades; encorajam o estilo parental autoritativo (amor e limites) e a coesão familiar; favorecem a busca de recursos comunitários.
Modelo da resiliência	A resiliência é entendida como a capacidade do indivíduo ou família de enfrentar situações adversas e superá-las, de forma interativa com seu meio social. Entende-se que os adolescentes que enfrentam obstáculos sociais, educacionais, econômicos e familiares necessitam de um apoio externo que os auxilie a reconhecer e utilizar ferramentas de superação e oferecer oportunidades de desenvolvimento mais saudável.	São encorajados fatores protetivos do adolescente (como manejo das emoções e sonhos de futuro), dos pais (como empatia e supervisão do comportamento dos filhos), da família (como resolução colaborativa de problemas e lazer conjunto) e da comunidade (como incremento na rede de apoio).
Teoria dos sistemas familiares	A família deve ser discutida como um sistema funcional, ao invés de um agrupamento de indivíduos. O comportamento do indivíduo só pode ser compreendido na relação com os demais membros da família e outros contextos sociais.	O formato do PFF prevê a realização de encontros familiares, antecedidos por encontros simultâneos e separados para pais e filhos.
Teoria cognitiva social	Os indivíduos aprendem ao observar modelos. A confiança na própria capacidade, ou autoeficácia, é um importante preditor do comportamento. Os indivíduos são agentes ativos na interação com o seu mundo e podem produzir transformações por meio de suas escolhas.	A metodologia do PFF compreende jogos, observação de vídeos, discussões e práticas em casa que visam favorecer a agência pessoal e a autoeficácia de pais, jovens e famílias no engajamento em interações positivas.
Teoria do apego	A busca de proximidade e proteção é necessidade básica humana. Cuidadores sensíveis, que percebem, interpretam e reagem responsivamente às necessidades da criança, favorecem o desenvolvimento da segurança (apego seguro). Falhas no cuidado parental, como negligência, inconsistência, superexigência e maus-tratos favorecem um senso de insegurança (apego inseguro). O apego inseguro é fator de risco para a saúde mental e a qualidade das relações estabelecidas ao longo da vida.	Os procedimentos do PFF foram desenhados para desenvolver a sensibilidade parental de modo a criar condições para que os filhos possam perceber os pais como fontes de confiança, apoio e proteção.
Teoria bioecológica	O desenvolvimento do indivíduo resulta da interação entre características constitucionais da pessoa e do ambiente. Neste tem-se as influências proximais (como a relação familiar, com pares e escola) e distais (como a cultura, mídia e políticas públicas) ao longo do tempo.	É estimulada a identificação e utilização de recursos existentes no contexto social e comunitário em que as famílias vivem, para além dos recursos individuais (dos pais e dos filhos) e dos pares (amigos).

MODELO	PRESSUPOSTOS	IMPLICAÇÕES PARA O PFF
Modelo da vulnerabilidade biopsicossocial	As habilidades e os recursos da família são capazes de diminuir os estressores familiares.	Os procedimentos do PFF devem fomentar habilidades de resolução de conflitos, comunicação e enfrentamento de estresse.
Modelo do processo familiar	Relaciona o estresse econômico familiar ao mau ajustamento do adolescente. Pais que vivenciam estresse econômico podem sentir-se pressionados, deprimidos e desvalorizados. O estresse econômico parental leva à desorganização familiar, com aumento em desajuste conjugal e dificuldades no exercício hábil da parentalidade, o que afeta negativamente o ajuste do adolescente.	Os pais são estimulados a buscar estratégias emancipatórias, capazes de afetar seu bem-estar financeiro, como aprimoramentos na formação profissional e aumento nos níveis de escolaridade. Recursos da comunidade que viabilizam essas estratégias são identificados.

Quadro 2: modelos teóricos influentes na concepção do Programa Famílias Fortes. **Fonte:** Bluth (2004), Kumpfer (2014) e Kumpfer *et al.* (2014), adaptado por SEAD-UFSC (2017).

O modelo da ecologia social do abuso de substância na adolescência deriva de estudos empíricos em que fatores protetivos para o uso de drogas em adolescentes foram analisados em grandes bancos de dados por meio de modelagem de equações estruturais (SEM). Em conformidade com esse modelo, os fatores protetivos para o uso de drogas compreendem fatores individuais (autocontrole e **autoeficácia** acadêmica do adolescente), familiares (vínculo familiar, supervisão familiar e normas familiares), dos pares (normas dos pares) e da comunidade (comunidades com rede de suporte e normas desfavoráveis ao uso de drogas) (KUMPFER, 2014).

Logo, esse modelo prevê que o adolescente que consegue estabelecer planos de longo prazo, controlar a impulsividade, adiar gratificação em prol de ganhos futuros mais expressivos e confiar em sua capacidade para aprender e manejar tarefas escolares estaria mais protegido frente ao risco de abusar de drogas. Igualmente, estaria em menor risco para o abuso de substâncias o adolescente cuja família apresenta bons níveis de afetividade, envolvimento e supervisão do comportamento e rotina dos filhos e normas e valores contrários ao uso abusivo de drogas. Por fim, adolescentes que vivem em comunidades que oferecem serviços que oportunizam o desenvolvimento e possuem normas restritivas ao uso de drogas estariam também mais protegidos dos problemas associados ao seu consumo. O impacto de determinantes sociais sobre o uso problemático de substâncias lança luz sobre a necessidade de políticas sociais integradas para a proteção de famílias brasileiras (GARCIA; KINOSHITA; MAXIMIANO, 2014). Como vimos, a organização familiar é favorecida por recursos comunitários, sociais e econômicos. Desse modo, o **empoderamento** dos jovens e famílias depende diretamente do empoderamento de suas comunidades, por meio de políticas públicas promotoras de saúde, educação, trabalho, moradia, cultura, inclusão social, equidade racial e de gênero, e direitos humanos em geral.

Disto se deduz, uma vez mais, que ações preventivas ao abuso de drogas são complexas, podendo adotar múltiplos focos de modo integrado. A julgar pelas suas teorias de base, os resultados esperados do PFF podem se concretizar se houver, efetivamente, incremento de processos protetivos dos jovens, responsáveis, famílias e comunidades. O PFF prevê não somente o fortalecimento de processos protetivos relacionais no âmbito da família mas também desta com o contexto em que vive.

Por isso, o PFF inclui encontros para desenvolver habilidades nos jovens, nos responsáveis e na família, tendo como foco principal o estabelecimento de limites e a manifestação de amor. Estudos de Kumpfer (2014), autora desse programa, indicam que esses fatores têm se mostrado protetivos para meninos e, especialmente, meninas. As relações de predição entre essas variáveis estão detalhadas na Figura 6.

Glossário

Consiste na crença de que se é capaz de realizar determinada tarefa. (Fonte: BARROS; BATISTA-DOS-SANTOS, 2010.)

Glossário

O empoderamento consiste na tomada de controle pelas pessoas, organizações ou comunidades sobre si mesmos, sua forma de funcionamento, produção, criação e gestão (COSTA, 2000).

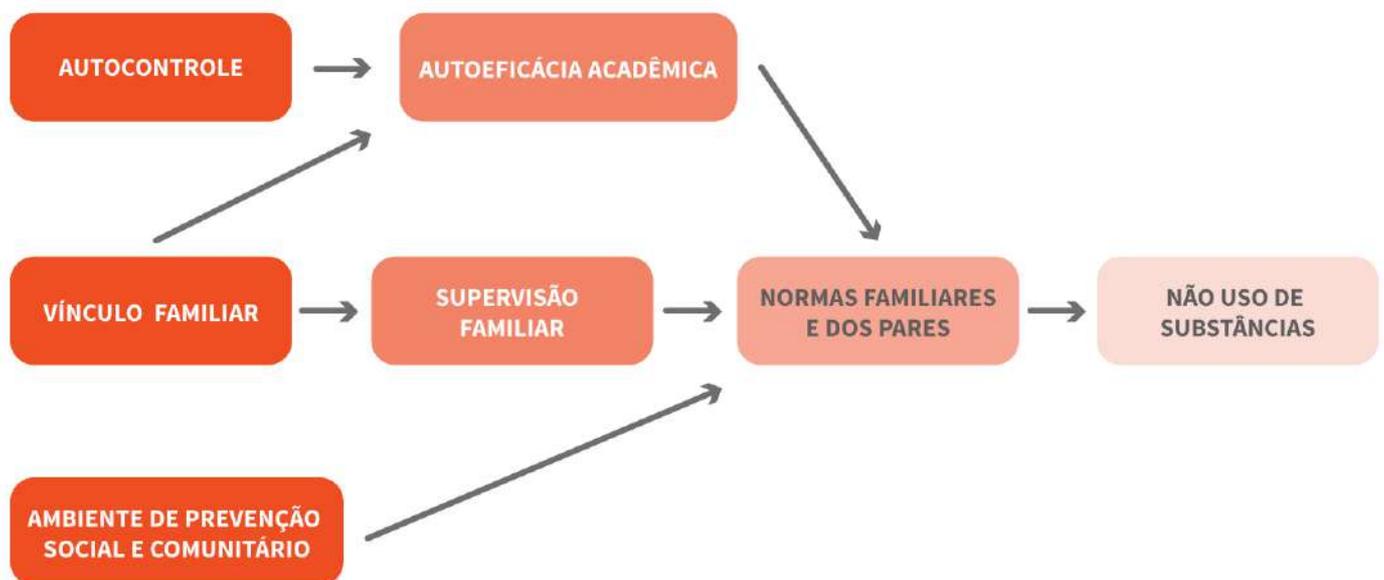


Figura 6: modelo da ecologia social do abuso de substância na adolescência. **Fonte:** Kumpfer (2014), adaptado por SEAD-UFSC (2017).

PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES: DA TEORIA À PRÁTICA PREVENTIVA AO ABUSO DE DROGAS

BASES TEÓRICAS

O modelo da **resiliência** centra-se em potencialidades que podem preservar a saúde e promover o desenvolvimento em face de adversidades. Esse construto vem tendo aplicações em campos bastante diversos de pesquisa, tais como desastres, mudança climática, economia e políticas públicas (AGER, 2013), e pode ser aplicado a indivíduos, famílias e comunidades que, diante de estressores significativos, constroem trajetórias de vida que preservam o seu potencial de saúde e desenvolvimento. Estudos sobre resiliência comunitária (KULIG *et al.*, 2013) e familiar (ROOKE; PEREIRA-SILVA, 2012) mundo afora, quando comparados à resiliência do indivíduo, ainda são menos frequentes. No campo das políticas públicas, uma revisão de Ager (2013) indica que intervenções baseadas na promoção de resiliência podem ser abrangentes quanto ao seu alvo, podendo incluir o fortalecimento da qualidade das relações familiares, serviços de promoção de saúde mental, ambientes escolares apoiadores, programas comunitários e melhorias socioeconômicas, entre outras. Políticas sociais integradas, enquanto fatores protetivos e promotores, alinham-se ao conceito de resiliência comunitária.

Segundo Kulig *et al.* (2013), são componentes da resiliência comunitária a unidade coletiva (como redes de relacionamento, liderança, estratégias de solução de problemas adotadas pela comunidade, a conexão entre os membros da comunidade e a capacidade de lidar com a diversidade), o senso de comunidade (senso de pertencimento e orgulho de ser parte da comunidade) e a ação comunitária (ações dirigidas ao alcance de metas relevantes para a comunidade). Políticas públicas focadas na inclusão social e emancipação podem integrar o capital social de indivíduos e famílias.

No **capital social**, incluem-se suporte social, integração social, cooperação entre organizações da comunidade, participação cidadã, apego ao lugar e senso de comunidade. Assim, avança-se de um modelo centrado em fatores protetivos proximais (como relações entre pais e filhos e entre adolescente e amigos) para um modelo centrado também em fatores protetivos distais (como serviços disponíveis na comunidade, relações de apoio na comunidade e políticas públicas inclusivas), sendo precisamente essa a proposta do Programa Famílias Fortes.

Glossário

Capacidade dos seres humanos de reagir positivamente frente às experiências que possam causar risco para sua saúde e seu desenvolvimento (SILVA, 2003).

Glossário

Os recursos disponíveis para jovens e famílias em suas comunidades capazes de fomentar seus desenvolvimentos (KULIG *et al.*, 2013).

No âmbito familiar, diz-se que uma família está resiliente quando, mesmo exposta a estressores importantes, atende a critérios positivos como exercer suas funções, tais como o provimento de proteção aos seus membros vulneráveis, socialização, educação, pertencimento, segurança e suporte econômico.

Nesse mesmo sentido, pode também ser indicador de resiliência o cumprimento de tarefas desenvolvimentais coerentes com o ciclo de vida familiar, como o favorecimento de autonomia e segurança em famílias com filhos adolescentes.

No sentido inverso, a resiliência pode ser observada a partir de critérios negativos, como a ausência ou baixa ocorrência de maus-tratos (MASTEN; MONN, 2015). A resiliência não é uma condição permanente, mas transitória e contextual.

Não se é resiliente, mas se *está* resiliente. Portanto, a resiliência familiar não está assegurada para toda a vida, mas está condicionada à existência de recursos ou fatores diversos.

Esses fatores que afetam o potencial de resiliência podem ser definidos como fatores protetivos e fatores promotores (MASTEN; MONN, 2015):

- fatores protetivos: referem-se a fatores pessoais ou contextuais que se expressam frente ao risco e atenuam o impacto negativo da adversidade;
- fatores promotores: constituem um conjunto de recursos igualmente pessoais e contextuais fortalecedores de bem-estar que independem do risco e da crise.

Um mesmo elemento, como vizinhos apoiadores, pode ser considerado um fator protetivo, se usado como recurso de ajuda em uma situação, por exemplo, de adoecimento familiar; ou um fator promotor, se usado como companhia para interações agradáveis no cotidiano; ou, ainda, o professor responsivo pode ser fator de proteção para um adolescente cujos vínculos familiares estão ameaçados; ou fator promotor, para este mesmo adolescente, em momento de ausência de crise familiar.

Portanto, os recursos podem ser os mesmos para os fatores protetivos e promotores, mas suas funções podem ser distintas, a depender das demandas existentes.

PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES: DA TEORIA À PRÁTICA PREVENTIVA AO ABUSO DE DROGAS

BASES TEÓRICAS

Uma implicação central do modelo da resiliência para o planejamento e oferta de programas preventivos e de promoção de saúde mental é a ênfase em recursos e forças, isto é, em fatores protetivos e promotores. Os recursos podem advir de diferentes domínios, como o psicológico (como a facilidade em fazer amizade), familiar (como a capacidade de solução de problemas conjuntamente), comunitário (como a existência no bairro de centros de saúde, parques, quadras esportivas e bibliotecas), econômico (como emprego e renda), cultural (como festividades e rituais que permitam um senso de pertencimento à coletividade), geracional (como o acesso a direitos naquele dado momento histórico em que se vive) e político (como a oferta de políticas públicas integradas baseadas em equidade e justiça social) (AGER, 2013).

Assim, a implementação do Programa Famílias Fortes não pode prescindir da intencionalidade de gerar tanto fatores protetivos proximais (como perspectiva de tempo futuro em jovens, com o fortalecimento de seus sonhos e metas de vida) quanto fatores protetivos distais (como o capital social da comunidade, como universidades e cursos profissionalizantes, que viabilizem a consecução de projetos de vida). Desse modo, o fortalecimento da resiliência familiar não dispensa a necessidade de redução das adversidades que as famílias enfrentam, como a miséria e as privações dela decorrentes; ao contrário, torna imperativo que essas condições sejam em si reduzidas ou eliminadas por meio de políticas sociais e econômicas articuladas, capazes de permitir o acesso a direitos e gerar inclusão social (BÉNÉ *et al.*, 2014; GARCIA *et al.*, 2014).

No domínio familiar, diversas classificações têm sido dadas aos fatores protetivos ou promotores específicos desse âmbito. Conforme Walsh (2005), esses fatores podem ser agrupados em três grandes categorias: crenças, organização e comunicação (ver Figura 7).



Figura 7: fatores fortalecedores de resiliência familiar. Fonte: Walsh (2005). Adaptado por SEAD-UFSC (2017).

Crenças

As **crenças** familiares referem-se a como a família concebe, enxerga, encara ou atribui significado aos problemas vividos e suas possíveis soluções. Compreendem “valores, convicções, atitudes, tendências e suposições que se misturam para formar um conjunto de premissas básicas que desencadeiam reações emocionais, informam decisões e guiam ações” (WALSH, 2005, p. 43-44). As crenças estão no âmago da identidade familiar (“nossa família é muito unida”, “em nossa família, o trabalho vem em primeiro lugar”) e no enfrentamento às adversidades (“em nossa família, nos juntamos para resolver as coisas”, “em nossa família, tudo sobra para mim”). Crenças familiares que promovem resiliência na família se caracterizam por conceber as adversidades como plenas de sentido e passíveis de superação, assumir uma perspectiva positiva frente aos obstáculos e ao futuro e adotar valores baseados em propósito e transcendência. O Programa Famílias Fortes trabalha tanto com as crenças familiares relacionadas ao álcool e outras drogas quanto com as crenças a respeito do que a família pensa sobre si mesma e o que deseja para seus entes no futuro. Dessa forma, o fator crenças familiares é trabalhado no programa por meio de atividades orientadas para a identidade da família e como ela enfrenta as dificuldades.

Organização

A **organização** familiar diz respeito a como as famílias mobilizam recursos afetivos, sociais e econômicos para enfrentar crises e como coordenam suas ações para levar a cabo tarefas para seu crescimento e bem-estar. Os processos organizacionais que caracterizam famílias resilientes estão relacionados à flexibilidade para responder às constantes demandas do ciclo de vida familiar, aos recursos comunitários, sociais e econômicos buscados para a solução de problemas e ao vínculo emocional entre os membros da família. Este último aspecto pode ser denominado de coesão, ou conexão, entre os membros da família. Compreende relações com apoio mútuo, colaboração, compromisso, respeito às necessidades, diferenças e limites individuais, manejo de conflitos, reconciliação e perdão. Compreende, ainda, o exercício da liderança, o estabelecimento de regras e oferta de apoio, proteção e orientação aos membros vulneráveis da família (WALSH, 2005). Um ambiente familiar coeso e de apoio é estimulado no Programa Famílias Fortes, bem como a identificação de recursos comunitários, por isso a existência e obrigatoriedade dos encontros que envolvem a família.

Comunicação



A **comunicação** é o terceiro processo promotor de resiliência na família (WALSH, 2005). De acordo com essa autora, os processos de comunicação que favorecem a resiliência familiar incluem: comunicação assertiva, empatia, autorrevelação, resolução colaborativa de problemas, autorresponsabilização, não culpabilização do outro, expressão de sentimentos positivos, interações agradáveis e uso de humor. Todas essas formas positivas de comunicação são ensinadas ou reforçadas nos encontros do Programa Famílias Fortes.

Na visão de Kumpfer e Bluth (2004), o desenvolvimento e a implementação de programas preventivos focados na família devem se centrar no fortalecimento de processos protetivos familiares, tais como os indicados pelas autoras, a partir de estudos empíricos acumulados e listados no Quadro 3.

PROCESSOS PROTETIVOS FAMILIARES

1. Proporcionar ao menos um adulto que seja fonte de cuidado e afeto.
2. Facilitar a criação de laços afetivos e sociais.
3. Facilitar o envolvimento masculino positivo.
4. Equilibrar estilos parentais que combinem proximidade psicológica e exigência.
5. Facilitar afeto e suporte emocional dos pais.
6. Aumentar o tempo de convívio entre pais e filhos.
7. Facilitar identificação cultural e étnica positivas.
8. Amortecer diferenças culturais e conflitos familiares.
9. Promover modelos de vida saudáveis.
10. Ensinar e treinar os jovens a aprender competências e habilidades sociais, cognitivas e emocionais.
11. Promover empatia e cuidados emocionalmente responsivos.
12. Encorajar supervisão parental e disciplina para desestimular processos transacionais coercivos.
13. Reduzir o estresse e aumentar a organização familiar.
14. Desenvolver e comunicar apropriadamente expectativas familiares ou parentais altas para o desempenho das crianças.
15. Oferecer aos jovens oportunidades para colaboração e envolvimento familiar significativo.
16. Facilitar sonhos e propósito de vida.
17. Definir regras e padrões para álcool e outras drogas.
18. Facilitar apoio social oferecido pela família estendida e por amigos.

Quadro 3: processos protetivos familiares que devem ser abordados em programas preventivos focados na família. **Fonte:** Kumpfer e Bluth (2004). Adaptado por SEAD-UFSC (2017).

PROCESSOS PROTETIVOS FAVORECIDOS PELO PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES

O Programa Famílias Fortes pressupõe a prevenção ao uso problemático de substâncias por meio do incremento de processos protetivos familiares. Numa classificação proposta por Henry *et al.* (2015), os processos protetivos familiares podem ser classificados em quatro tipos: os relacionados à emoção, controle, significado e manutenção. As definições desses processos, os fatores protetivos e promotores envolvidos e o impacto na família estão detalhados no Quadro 4.

PROCESSOS PROTETIVOS FAMILIARES	DEFINIÇÃO	FATORES PROTETIVOS E PROMOTORES ENVOLVIDOS	PRESENÇA DO PROCESSO NA FAMÍLIA	AUSÊNCIA DO PROCESSO NA FAMÍLIA
Emoção	Clima emocional familiar que regula as emoções e conexões mútuas.	Suporte familiar, encorajamento, compromisso e cooperação; treinamento de emoção.	Equilíbrio entre conexão e separação; comunicação eficaz; habilidades de resolução de conflitos; ambiente seguro para expressividade emocional; regulação das emoções; apoio.	Falta de coesão; comunicação ineficaz; hostilidade; ambiente familiar inseguro para a expressão das emoções; desregulação das emoções.
Controle	Clima familiar de controle da autoridade, poder, limites, papéis, regras e comportamento.	O respeito mútuo entre os membros da família; uma estrutura de autoridade clara e regras familiares; resolução eficaz de problemas e tomada de decisão.	Controle executivo do adulto sobre o comportamento da criança; manejo do tempo e rotinas familiares; papéis e limites claros.	Permissivo em relação ao comportamento do jovem; baixo ritmo no tempo e rotinas da família; papéis e limites obscuros.
Significado	A visão e identidade do mundo familiar; compreensão das percepções e situações da família.	O significado da família no esquema mais amplo da vida e em situações específicas; perspectivas positivas.	Clara identidade étnica ou cultural; expectativas de gênero integradas; alta coerência e robustez.	Identidade étnica ou cultural difusa; expectativas de gênero pouco claras; coerência limitada.
Manutenção	Processos para atender às necessidades básicas das famílias e proteger os membros vulneráveis.	Os padrões e as responsabilidades de interação familiar são organizados de forma que as necessidades básicas sejam atendidas.	Alimentação, abrigo, vestuário, educação e saúde adequados; apoio econômico suficiente.	Alimentação, abrigo, vestuário, educação e saúde inadequados; apoio econômico insuficiente.

Quadro 4: processos protetivos e promotores familiares e impacto na família. **Fonte:** Henry *et al.* (2015), adaptado por SEAD-UFSC (2017).

O Programa Famílias Fortes foi desenhado para fomentar os processos protetivos elencados nos botões abaixo. Esses processos se influenciam mutuamente, por isso no programa eles são trabalhados de maneira conjunta, e não individualmente, embora um ou outro se destaque em determinado momento.

Os processos protetivos trabalhados no PFF estão relacionados de modo que um influencia no desenvolvimento do outro.

ATIVIDADES DO PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES

A seguir, apresentaremos a definição de cada um desses processos e exemplos de atividades utilizadas para desenvolvê-los, realizadas no Programa Famílias Fortes . Clique nos botões abaixo para ter acesso às definições.

Emoção (pagina-11-extra-01.html)

Controle (pagina-11-extra-02.html)

Significado (pagina-11-extra-03.html)

Manutenção (pagina-11-extra-04.html)

FATORES RELACIONADOS À EMOÇÃO



Figura 8: imagem dos fatores relacionados a emoção **Fonte:** SEAD-UFSC (2017).

ASSERTIVIDADE

É a capacidade de controlar sua própria ansiedade e expressar sentimentos, vontades e opiniões de maneira a não desrespeitar o outro em situações de enfrentamento, defesa ou reivindicação de direitos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011). Na passagem da infância para a adolescência, a necessidade de integração social, pertencimento a grupos e busca de autoafirmação se potencializa, e o jovem passa a

lidar com a pressão dos colegas e amigos para vestir determinados tipos de roupas, frequentar determinados ambientes, experimentar substâncias psicoativas, seguir determinadas formas de pensar e agir etc. Nesses momentos, a capacidade de se comportar de modo assertivo se torna imperativa. A assertividade pode trazer impactos na redução da influência negativa dos pares, que é um fator de risco, já que se espera que o adolescente seja capaz de posicionar-se em relação a um tema sem ceder à pressão de seus pares. Isso fortalece um fator de proteção, que é a habilidade de recusa dos pares. Nos jovens, os fatores de risco atenuados pelo desenvolvimento da assertividade são a influência negativa dos pares e o mau desempenho escolar.

Os encontros realizados no Programa Famílias Fortes que trabalham com pressão de pares apresentam para os participantes muitas situações de risco que podem existir na interação com amigos e os ajudam a desenvolver formas de evitar problemas decorrentes dessas situações. Eles aprendem a entender a qualidade da amizade que querem ter, a tomar decisões e colocar-se no lugar do outro. Parte importante desse desenvolvimento é buscar alternativas saudáveis e convidar os amigos a fazer uma atividade que não lhes cause problemas futuros.

Nos encontros 5 e 6, o facilitador faz uso do vídeo que traz uma reflexão sobre o uso de drogas e trata sobre como lidar com a pressão dos amigos. Sete placas são usadas como exemplos para os jovens resistirem à pressão de um amigo que os convida para fazerem algo que pode lhes causar problemas na escola, com a família ou para a própria saúde (como fumar, ingerir álcool, agredir um colega ou pichar a escola) e ensinam passos específicos para lidar com essas situações.

As etapas de resistência incluem fazer perguntas, para entender as intenções do amigo que os convida, nomear o problema relacionado ao convite, dizer o que pode acontecer caso façam o que está sendo proposto e sugerir outra atividade para fazerem juntos. O manejo das emoções (manter a calma) é um passo que ajuda o adolescente a se posicionar diante do amigo e se posicionar indo fazer outra coisa que não cause problemas. Essa atividade retoma a importância das regras para a sociedade e a habilidade de resistir à pressão de amigos é discutida como uma estratégia para manter o foco nos sonhos e metas do adolescente, o que leva à melhora no desempenho escolar.

Nesse sentido, embora o foco principal do encontro seja a assertividade relacionada à pressão dos pares, também são trabalhados os processos protetivos de manejo das emoções e perspectiva de tempo futuro, que serão detalhados adiante.

A assertividade também é importante para os responsáveis, uma vez que está relacionada a expressar sentimentos e saber se colocar de forma clara e objetiva, respeitando os próprios sentimentos e dos filhos. Portanto, a assertividade tem papel fundamental na adequada expressão de amor e limites. É uma habilidade de vida essencial relacionada a fatores de proteção contra o uso e abuso de substâncias. Nos responsáveis, os fatores de risco amenizados por meio do desenvolvimento da assertividade são habilidades de comunicação pobres e habilidades ineficazes de manejo de conflitos.

A importância da comunicação clara e respeitosa é enfatizada em todos os encontros com os responsáveis. Uma atividade que aborda diretamente o tema é denominada “Frases que começam com Eu”. É um treino de quatro etapas, assim organizadas:

1. dizer o que sente;
2. indicar a situação que causa o sentimento;
3. expressar a razão de sentir-se assim, focando o benefício para o filho ou para a família;
4. indicar o comportamento desejado.

Com essa sequência, são feitos diversos exercícios no formato “complete”. Por exemplo:

Sua filha ficou ao telefone até tarde, e o combinado era ir dormir às 22h.

Eu fico (triste, irritada, chateada, com raiva) _____ quando você (não desliga o telefone, não cumpre as regras, não me obedece, descumpra o combinado, dorme tarde) _____ porque (você precisa levantar cedo no outro dia, a conta de telefone vem alta e gastamos o dinheiro que poderia ser usado para passear, você não descansa direito) _____. Eu quero que você (durma antes das 22h, desligue o celular quando eu mandar, acorde cedo, procure conversar antes do horário de dormir) _____.

MANEJO DE ESTRESSE

O manejo de estresse consiste na capacidade de identificar o estado emocional e gerenciar aspectos pessoais e do contexto que possam amenizar o efeito do estresse no cotidiano. Na família, esse manejo visa diminuir o efeito do estresse na comunicação intrafamiliar. O estado de humor dos jovens relacionado a esse manejo de estresse influencia em suas escolhas de comportamentos em determinadas situações. Já o estado de humor dos responsáveis está relacionado à escolha da consequência a determinados comportamentos dos

jovens. A coerência em relação ao que é esperado do adolescente e as consequências dadas a seus comportamentos não deve ser suscetível ao estado de humor do responsável. Como bem aponta Gomide (2004), se a consequência é dada conforme o estado de humor do responsável, os filhos aprendem a discriminar o estado de humor dos pais, e não, quais comportamentos são aceitáveis ou inaceitáveis.

Saber lidar com o estresse é, em si, um fator de proteção e, conseqüentemente, não saber, um fator de risco. O desenvolvimento da capacidade de manejo de estresse também envolve promover outros fatores de proteção como: habilidades de manejo das emoções, de interação pró-social entre pares e de resolução de conflitos. Fatores de risco amenizados, principalmente o comportamento agressivo, podem igualmente receber ênfase por meio dessas atividades.

No encontro que trabalha manejo do estresse com os jovens, o tema é tratado desde o quebra-gelo com um jogo de força com a palavra estresse. Por meio de outras atividades, os jovens são instigados a listar e desenhar diversos sintomas físicos, emocionais, comportamentais e relacionais do estresse, bem como identificar os motivos e situações que os desestabilizam e estressam, além de refletirem e discutirem sobre estratégias individuais e sociais para aliviar o estresse que geram mais problemas em contraste com outras estratégias que ajudam a acalmar e solucionar o problema.

Nos encontros com os responsáveis que abordam o tema, as dinâmicas bem-humoradas são o ponto de partida para que se inicie a discussão sobre que emoções sentimos em determinados contextos e como reagimos. Os participantes passam a refletir sobre como se percebem fisiologicamente e cognitivamente quando determinada emoção acontece. Após esse exercício, os responsáveis prosseguem em discussão dirigida para o tema, a fim de identificar como essas reações se expressam na forma de agir com seus filhos e que consequências isso traz. Tendo aprendido a reconhecer quais emoções estão presentes, os responsáveis podem simular situações em que precisarão lidar com o estresse antes de fazer um comentário, uma crítica ou uma cobrança.

EMPATIA

A empatia consiste em ser capaz de compreender e sentir o que outra pessoa sente e comunicar isso a ela de modo a lhe proporcionar alento e suporte (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011). Durante todo o programa, os jovens são instigados a se colocarem nos lugares de seus responsáveis e buscar entender que todos os membros da família passam por dificuldades e merecem ser admirados por qualidades particulares. Prevê-se que o incremento na empatia dos jovens pelos responsáveis pode favorecer a comunicação e afeto positivo entre filhos e pais e atenuar conflitos familiares.

A principal atividade do programa que trata do tema propõe que os jovens listem o que deixa a vida de seus responsáveis difícil e, por outro lado, listem as dificuldades em ser jovem. Pretende-se o desenvolvimento de um olhar empático dos jovens em relação aos responsáveis e a compreensão dos motivos de seu estresse. O afeto positivo entre pais e filhos também é um fator protetivo trabalhado nesse encontro, na atividade final, em que os jovens fazem uma lista de “presentes” recebidos dos responsáveis diariamente, sejam eles materiais, ensinamentos, demonstrações de afeto ou diversão.

REGULAÇÃO DAS EMOÇÕES

A regulação das emoções consiste em reconhecer, aceitar e usar as emoções quando possível e continuar a funcionar apesar de senti-las, utilizando estratégias saudáveis para manejar seu componente fisiológico, comportamental e sentimental (GRATZ; TULL, 2010). Ela é discutida com os responsáveis e os jovens separadamente, e é exercitada no encontro de famílias através de atividades relacionadas a outras habilidades, por exemplo, em uma atividade de resolução de problemas na qual cada membro da família explica por que merece assistir televisão, e todos precisam chegar a um acordo sobre a estratégia para decidir quem vai assistir TV ou se irão fazer outra coisa no lugar de ver TV. Além dessa, em outro momento as famílias exercitam a habilidade de comunicação, em que um fala e o outro repete, para ver se entendeu, e, depois que entende, responde. É necessário regular as emoções para ouvir o outro sem criticar e esperar que termine de falar sem interromper. Também é necessário lidar com as emoções que surgem ao falar, para não gritar, escolher as palavras e cuidar para não ofender.

AFETO

O afeto se refere à habilidade do ser humano de construir relações e vínculos. O desenvolvimento dessa habilidade ocorre ao longo da vida e é por meio dela que o ser humano se torna capaz de se adaptar às demandas do meio. Dessa forma, se torna essencial ao desenvolvimento humano (DINIZ; KOLLER, 2010). Essa compreensão de afeto está relacionada à **teoria bioecológica**

(<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/17581/11519>), uma das teorias que fundamentam o PFF. O afeto também está relacionado ao **bem-estar**.

Os afetos positivos são as emoções positivas, como a alegria e a autoestima, já os afetos negativos são as emoções negativas, como a tristeza e a raiva. A expressão do afeto positivo pelos pais contribui para a constituição de uma relação de apego seguro entre eles e seus filhos. O que gera segurança emocional, sentimento de pertença e conexão (MASTEN; MONN, 2015). O PFF busca ajudar os jovens e responsáveis a expressar afetos positivos e lidar com afetos negativos. Por isso, esse conceito está relacionado tanto à comunicação quanto à regulação das emoções.

O afeto perpassa todos os encontros do PFF, já que ele se trata de um programa que trabalha o amor e os limites. Uma atividade que contribui para o desenvolvimento da capacidade de expressar afetos positivos ocorre no Encontro 3, que aborda o valor do elogio. Inicialmente os responsáveis assistem a cenas de pais fazendo elogios aos filhos e refletem sobre as características dos elogios (ser específico, focar no que é positivo, não utilizar o elogio para iniciar um sermão). Em seguida, refletem sobre os momentos em que eles mesmos gostariam de receber elogios e são ignorados, e avaliam se estão ignorando algum bom comportamento do filho. Os responsáveis são convidados a escrever os elogios para o filho em pedaços de papel e esconder pela casa para surpreendê-lo. Em uma discussão em grupo, é trabalhado como, a partir de um elogio específico e do reconhecimento, os responsáveis podem transformar algo negativo (uma bronca por não ter ajuda do jovem em casa) em algo positivo (o reconhecimento ou elogio nas ocasiões em que o jovem ajuda nas atividades da casa). (<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/17581/11519>)

Glossário

Bem-estar consiste na avaliação subjetiva do indivíduo sobre si mesmo no mundo em relação aos afetos positivos, aos afetos negativos e à satisfação com a vida (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

COMUNICAÇÃO

O processo de comunicação na família promove a resiliência familiar na medida em que inclui: clareza na troca de informações, expressão aberta das emoções, interações prazerosas e promoção de resolução de problemas de maneira colaborativa (WALSH, 2012). Dessa forma, percebe-se a relação entre esse processo de comunicação, a regulação das emoções, a resolução de problemas e o afeto.

As atividades que trabalham a resolução de problemas, a regulação das emoções e o afeto desenvolvem também a comunicação. Uma dessas atividades é denominada “momentos de família”, em que as famílias são estimuladas a disporem de pequenos momentos juntos em que façam planos, resolvam problemas e se divirtam.

EQUILÍBRIO ENTRE AMOR E LIMITES

Para além do desejo de que os filhos sejam felizes em suas vidas, que possam encontrar trabalhos e relações que lhes façam plenos, os responsáveis pelos jovens ainda têm muitas dúvidas sobre a dosagem correta entre afeto e disciplina, ou amor e limites. Visando promover estilo parental autoritativo, as atividades do PFF com os responsáveis no PFF têm como objetivo fazer com que estes sejam capazes de atender às necessidades emocionais de seus filhos a partir de uma relação que equilibra exigências (limites, regras, responsabilidades e autonomia) e afeto (expressão de amor, comunicação, reconhecimento e validação). Conforme apontado por um amplo conjunto de estudos nacionais (BOLSONI-SILVA; MATURANO, 2007; FONSÊCA *et al.*, 2014; SANTOS *et al.*, 2014; TONI; HECAVEÍ, 2014; WEBER; BRANDENBURG; VIEZZER, 2003) e internacionais (AUNOLA; STATTIN; NURMI, 2000; DORNBUSCH *et al.*, 1987; LAMBORN *et al.*, 1991; SLICKER, 1998; STEINBERG; DARLING; FLETCHER, 1995; STEINBERG; ELMEN; MOUNTS, 1989), este estilo parental é o que mais favorece o desenvolvimento psicossocial das crianças e adolescentes e contrasta com outros estilos, cujos efeitos são prejudiciais ao desenvolvimento infantojuvenil, caracterizados por baixa exigência e baixo afeto (estilo negligente), alta exigência e baixo afeto (estilo autoritário) e baixa exigência e alto afeto (estilo indulgente).

Nesta balança entre amor e limites, os responsáveis aprendem que não devem condicionar a expressão de afeto ao cumprimento dos limites, ou seja, que não é uma questão de apenas demonstrar amor quando as regras foram obedecidas. Por outro lado, também aprendem que o cumprimento de limites combinados não deve ser ignorado, por ser uma obrigação do jovem, e sim reconhecido como forma de estimular os jovens a continuarem tão envolvidos como os seus responsáveis no funcionamento de toda a interação familiar.

Ao abordar a importância da expressão do amor e o estabelecimento de limites, o PFF busca reduzir fatores de risco como o comportamento exigente e severo ou de rejeição, a disciplina inconsistente ou inapropriada e má comunicação das regras. Ademais, busca fortalecer fatores de proteção como afeto positivo entre pais e filhos, apego seguro e coesão familiar.

Já no encontro inicial com os responsáveis são apresentados e discutidos brevemente trechos em vídeos que abordam criação severa, flexível e com amor e limites. Essa atividade permite que os responsáveis aprendam o valor do amor e dos limites para ajudar os filhos a desenvolver suas qualidades.

FATOR PROTETIVO RELACIONADO AO CONTROLE

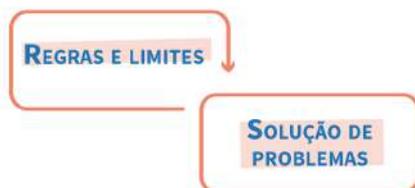


Figura 9: imagem dos fatores protetivos relacionados ao controle. **Fonte:** SEAD-UFSC (2017).

REGRAS E LIMITES

Ao trabalhar regras e consequências, os adolescentes percebem que seguir regras pode trazer muitos benefícios, e que toda quebra de acordo social gera uma consequência negativa para eles e para os adultos. Esse processo promove a habilidade de reflexão dos jovens e a empatia pelos responsáveis, além de reduzir o comportamento antissocial dos adolescentes. Ele também engloba todas as etapas relacionadas a regras, isto é, desde a negociação das regras, passando pela clara comunicação do que for combinado até a definição de recompensas para o cumprimento e consequências para a quebra das regras e limites estabelecidos.

Para o jovem em formação, as regras o ajudam a: organizar suas ações; prever resultados positivos e negativos para suas escolhas; e ver as coisas com uma perspectiva menos imediatista. As regras contribuem para uma educação direcionada aos valores e hábitos sociais gerais da cultura e do contexto no qual a família está inserida.

No Encontro 4, os jovens aprendem que todos têm regras e responsabilidades e são instigados a perceber que as coisas dão mais certo para eles quando seguem as regras. Por meio do sorteio de cartões contendo regras e responsabilidades dos adultos, os jovens discutem as consequências de descumprir as situações indicadas nos cartões, como deixar de pagar as contas da casa ou deixar de limpar a casa. Em um jogo de direção em que cada jovem finge ser motorista de um carro, eles tiram cartões com relatos de comportamentos dos motoristas

em relação às regras de trânsito. Quando o motorista cumpre a regra, o jogador anda em direção ao fim, quando descumpre, fica onde está e demora mais para chegar ao destino. Ao término de cada atividade, os jovens refletem e discutem sobre a importância das regras para a sociedade e sobre as regras às quais os responsáveis precisam estar atentos e devem cumprir.

As propostas de ação oferecidas pelo programa aos responsáveis procuram enfatizar a importância de que tanto as regras como a recompensa e a consequência sejam claras, construídas junto com o jovem, estabelecidas progressivamente, possíveis de serem cumpridas e que seus descumprimentos provoquem uma consequência coerente.

A clareza do que se espera, bem como os desdobramentos positivos e negativos do comportamento de cada um, minimiza os efeitos negativos da disciplina inconsistente, inapropriada, severa ou rígida. Além disso, diminui a ocorrência de práticas parentais severas, indulgentes ou negligentes e atenua interações hostis e agressivas. Outro fator de risco importante trabalhado por meio desse processo é o monitoramento parental deficiente. O programa não pretende que os responsáveis supervisionem os jovens de maneira intrusiva, invasiva ou estressante, mas que haja monitoramento e acompanhamento destes. Além de buscar aumentar a ocorrência de interações familiares que atendam ao objetivo de estabelecimentos de metas para os jovens e de planejamento, fatores protetivos importantes nessa fase que serão definidos adiante.

Damos ênfase especial aos fatores de proteção favorecidos pelo incentivo a bons comportamentos, uma vez que este leva a relações mais positivas, menos hostis, interações permeadas de afetos positivos entre responsáveis e jovens. Esse processo permite a demonstração de empatia por parte dos responsáveis e reforço aos aspectos positivos e qualidades dos jovens.

As discussões em torno desse tema com os responsáveis são, na maioria das vezes, disparadas por cenas do DVD que acompanha e compõe o PFF. Após as cenas, algumas perguntas são apresentadas ao grupo, que pode refletir sobre cada uma em conjunto, de forma individual ou até mesmo por meio de dinâmicas. A partir das reflexões do grupo, o facilitador desdobra o assunto, com suporte das atividades do manual e do DVD, apresentando a importância de incentivar e técnicas diferenciadas para incentivar cada comportamento em seu contexto particular. Os responsáveis recebem orientação quanto à forma de comunicar as regras, suas recompensas e consequências. Modelos de reunião familiar são simulados durante os encontros que abordam esse tema.

A tabela de pontos é uma ferramenta apresentada aos responsáveis como forma de comunicar e monitorar as regras, seu cumprimento ou quebra. Eles são orientados a discutir com seus filhos as tarefas que devem ser realizadas, bem como a frequência com que devem ser feitas. A cada vez que a tarefa é realizada a contento, o jovem ganha os pontos devidos. Ao final do período determinado, seja semana ou mês, ele recebe a recompensa correspondente.

Os responsáveis são incentivados a elogiar, de forma sincera e generosa, todas as vezes que seus filhos apresentarem comportamentos considerados adequados no contexto familiar. Para auxiliar na adoção dessa prática, os próprios facilitadores são instruídos a elogiar todas as iniciativas de participação e a observação dos acordos de convivência no grupo do PFF.

Os responsáveis também são conduzidos a momentos de reflexão sobre como transmitir a mensagem de que não estão satisfeitos com determinado comportamento e a definir, com clareza e razoabilidade, as consequências para tais quebras de acordo. Em seguida, passam por simulações de comunicação da insatisfação e da consequência aplicada à situação. São enfatizados aspectos estruturantes da comunicação, como o momento, o tom de voz, o local mais adequado e a clareza na hora de apresentar sua decisão.

SOLUÇÃO DE PROBLEMAS

A solução de problemas está intimamente relacionada à resiliência pessoal e familiar, por ser a capacidade de utilizar recursos pessoais e ambientais para lidar de maneira construtiva com situações de tensão e conflito, sem provocar danos aos demais envolvidos. Envolve a capacidade de identificar o problema, pensar em diferentes possibilidades de solução e decidir qual estratégia utilizar no momento. Esse processo inclui outras habilidades, como empatia, comunicação eficaz e relacionamento interpessoal, principalmente quando o problema envolve outras pessoas ou quando é necessário pedir ajuda.

O fator de proteção relacionado é o desenvolvimento de habilidades sociais e de recusa dos pares, que inclui comunicação eficaz, empatia, pedir e oferecer ajuda. A influência negativa dos pares e o mau desempenho escolar são os principais fatores de risco minimizados através

desse processo.

Várias atividades ao longo dos sete encontros, inclusive as citadas como exemplos nos itens anteriores, auxiliam os jovens na solução de problemas, com estratégias para reconhecer e lidar com emoções, colocar-se no lugar do amigo ou familiar, listar alternativas de ações e tomada de decisão.

Além disso, a habilidade de solução de problemas também é trabalhada em encontros dos responsáveis e de toda a família. Uma das atividades convida os familiares a resolverem juntos pequenos problemas, como dividir o banheiro pela manhã. Cada um deve dar seu ponto de vista para juntos chegarem a uma solução.

FATORES PROTETIVOS RELACIONADOS AO SIGNIFICADO



Figura 10: imagem dos fatores protetivos relacionados ao significado. **Fonte:** SEAD-UFSC (2017).

PERSPECTIVA DE TEMPO FUTURO

A perspectiva de tempo futuro se refere à determinação de metas de vida. Nesse sentido, está relacionada ao grau e ao modo como o futuro é antecipado e integrado no presente psicológico de um indivíduo, o que tem consequências motivacionais (LOCATELLI; BZUNECK; GUIMARÃES, 2007).

Quando o programa trabalha projetos de vida, planos e metas positivas para o futuro, os jovens são levados a refletir sobre seus desafios concretos e como conseguir apoio para superá-los em busca de seus sonhos. Para trabalhar projetos de vida com os jovens, os facilitadores do grupo fazem uma tempestade de ideias para que nomeiem individualmente o que gostariam de ser e fazer no futuro, em relação à carreira. Após isso, o grupo responde o que é preciso fazer para alcançar tais metas, como um planejamento de etapas. Os adolescentes também desenham um *mapa dos sonhos*, no qual projetam sonhos relacionados a trabalho, diversão, saúde e família, que serão mostrados aos responsáveis no encontro de famílias a seguir, e debatidas nos núcleos familiares, para que haja envolvimento e apoio dos responsáveis aos jovens.

Além disso, os jovens no PFF são convidados a refletir criticamente sobre suas histórias, possibilitando que ressignifiquem suas trajetórias e reconheçam como é possível superarem suas próprias adversidades, percebendo-se como sujeitos e autores de suas vidas, tecendo novas perspectivas positivas de futuro. Acreditar em seus potenciais desenvolve nos jovens a autoestima, o autocuidado e a autonomia, afastando-os de riscos e tornando-os resistentes a eles, além de contribuir para que desenvolvam e se comprometam com projetos de vida benéficos e saudáveis. Essa ação possibilita impactos positivos na saúde e na comunidade na qual estão inseridos os jovens e suas famílias. O fortalecimento de projetos de vida pode afetar positivamente os fatores protetivos: ter orientações positivas para o futuro, estabelecer metas e fazer um planejamento para alcançá-las.

A perspectiva positiva de futuro também é abordada nos encontros com os responsáveis por meio do desenvolvimento da capacidade de apoio aos sonhos dos adolescentes. Os responsáveis são encorajados a agir de maneira acolhedora e empática aos anseios expressos por seus filhos. O objetivo é que os jovens sintam-se confiantes e seguros em compartilhar planos que tenham para o futuro e, com isso, seja aberto um espaço de suporte e orientação. Apoiar os sonhos dos jovens também reflete claramente em fatores de proteção, como orientações positivas para o futuro e estabelecimento de metas e planejamento, além de impactar na má comunicação entre pais e filhos, reconhecidamente um fator de risco.

Em cenas de DVD os responsáveis assistem a situações em que filhos compartilham com seus pais seus sonhos e metas. Em diferentes cenários, são apresentadas variadas reações dos pais, que vão desde desprezo até aceitação sem crítica. Após uma breve discussão, o grupo é incentivado a refletir sobre como é possível acolher e apoiar os sonhos dos filhos. Para isso, aprendem a identificar que necessidade básica aquele sonho preenche e, assim, podem ampliar com seus filhos a discussão sobre o que fazer para alcançar seus objetivos.

IDENTIDADE FAMILIAR

A identidade familiar compreende a concepção que a família tem acerca de suas singularidades, sejam baseadas em aspectos culturais, étnicos, geracionais, psicossociais ou outros. A visão que a família tem de si mesma, quando caracterizada por dimensões positivas e forças, constitui importante fator protetivo no enfrentamento às adversidades (HENRY *et al.*, 2015).

Uma atividade do programa que ilustra como a identidade familiar é desenvolvida é a construção da *bandeira da família*, uma representação gráfica, tal como uma bandeira, construída coletivamente por responsáveis e jovens de cada família, que deve expressar os valores familiares. Essa atividade deve estimular crenças positivas sobre a identidade familiar. Além dos procedimentos, destacam-se ainda elementos da estrutura dos encontros que podem favorecer crenças positivas da família. Um deles é a repetição, ao fim de cada encontro, do lema das mães, pais e responsáveis, lema dos jovens e lema das famílias (por exemplo: “somos famílias fortes que se preocupam uns com os outros e se divertem juntos”).

ADMIRAÇÃO PELA FAMÍLIA

A admiração pelos membros da família é parte do sistema de significados da família. Refere-se a uma visão otimista acerca das forças da família. Crenças positivas sobre a família favorecem a resiliência familiar e oferecem um escudo em situações de crises, além de facilitar a proximidade entre os membros da família e reconciliações em experiências de conflito (WALSH, 2005).

Uma atividade que visa promover a admiração entre os membros da família consiste na construção e discussão da “árvore da família”, em que responsáveis e jovens indicam nas raízes da árvore qualidades dos avós, no caule apontam qualidades da família e, nas folhas, especificam qualidades de cada membro da família.

IDENTIDADE COMUNITÁRIA

Além do desenvolvimento da resiliência individual e familiar, o programa também promove a resiliência comunitária. Para desenvolver a resiliência comunitária, o programa estimula o vínculo entre as famílias participantes e o apoio social com vizinhos e outras famílias. Isso contribui para o desenvolvimento de uma identidade comunitária. A identidade de um grupo é originada por afinidades que promovem a união do grupo (FELDMAN; SILVESTRE; MILAN, 2015).

O principal fator de proteção estimulado ao se fomentar a identidade comunitária é a habilidade de interação pró-social entre pares; no entanto, outras habilidades são trabalhadas, como resolução de problemas e comunicação eficaz.

Uma atividade realizada com os responsáveis que os ajudam a fomentar os elos com a comunidade é a denominada “Obtendo apoio na criação dos filhos”, que ocorre no encontro de acompanhamento 4. Nela o responsável é estimulado a refletir sobre os apoios que possui para criar seus filhos (serviços, profissionais, vizinhos) e também nas pessoas que ele mesmo pode apoiar com seus próprios recursos (habilidades, conhecimentos, materiais).



FATORES RELACIONADOS À MANUTENÇÃO



Figura 11: imagem dos fatores relacionados à manutenção. **Fonte:** SEAD-UFSC (2017).

QUALIDADE DA AMIZADE

A interação e sociabilidade também têm impactos positivos sobre a saúde dos adolescentes, na construção de laços positivos e reforçadores, e essa vinculação é muito trabalhada durante a intervenção, através de jogos e discussões interativas e integrativas. As relações pessoais e sociais, em especial com os pares, exercem grande poder na exposição a riscos ou na superação das dificuldades cotidianas e excepcionais que ameaçam e prejudicam o bem-estar e a qualidade de vida. Assim, construir uma rede de suporte, incluindo aí os amigos, é um instrumento potente para superar condições de risco e vulnerabilidade social.

A amizade refere-se a um relacionamento individual e voluntarioso entre dois indivíduos entre os quais existe um sentimento positivo e de companheirismo que gera proximidade e apoio (FEHR, 1996). Amizades com qualidade são aquelas que se caracterizam por propiciarem:

- a)** um companheirismo estimulante, que é o envolvimento de ambos em atividades agradáveis;
- b)** ajuda;
- c)** autovalidação, que é o ato de valorizar o outro;
- d)** intimidade;
- e)** aliança confiável, que é a disponibilidade para o outro;
- f)** segurança emocional, que se refere a poder contar com o outro (DE SOUZA; HUTZ, 2007).

Amizades com qualidade atuam como fator protetivo para diferentes problemas na adolescência, como abuso de drogas, comportamento antissocial e violência no namoro (SANTOS; MURTA, 2016).

O jogo da pescaria, realizado no Encontro 6, dos jovens, fala da qualidade da amizade, ajudando-os a refletirem sobre características boas e ruins de um amigo (peixes bons e ruins) e a identificarem pessoas com as quais vale ou não a pena investir na amizade. O papel social dos jovens é destacado nas atividades, pois o jovem é estimulado a influenciar positivamente os amigos, explicando por que não devem fazer o que foi proposto e sugerindo outra atividade que não cause danos.

PROTEÇÃO CONTRA O ABUSO DE SUBSTÂNCIAS

No PFF, a proteção contra o uso de substâncias consiste num conjunto de ações e atitudes que podem ser adotadas pelos responsáveis e que tem impacto sobre a chance de que seus filhos façam uso de substâncias. São abordados diretamente os comportamentos parentais que são fatores de proteção, especificamente a supervisão respeitosa e expectativas parentais claras sobre o uso de álcool e outras drogas. O mau desempenho escolar é um fator de risco também impactado por esse processo.

Durante os encontros que tratam desse tema, os pais participam de atividades que explicitam fatores que podem aumentar o risco de abuso de substâncias, além daqueles que funcionam como proteção para esse desfecho.

No Encontro 6, os responsáveis participam de uma atividade cujo objetivo é conhecer formas de elevar a proteção de seus filhos em relação ao uso de substâncias. Por meio de cenas do DVD, são apresentados fatores de proteção com ênfase no acompanhamento por parte dos responsáveis.

Em seguida, proporciona-se uma discussão sobre como acompanhar os filhos em suas atividades, principalmente as acadêmicas, já que este é um fator protetivo apresentado no encontro.

Os fatores protetivos e promotores são atrelados a momentos históricos e a políticas públicas disponíveis para uma dada geração. Pense sobre estas questões: que recursos educacionais tinham nossos avós para serem bons pais? E nossos pais ou responsáveis? Se nossos avós e os outros de sua geração tivessem tido acesso a um programa governamental que lhes ajudasse a serem bons pais, o que teria ocorrido?

LAZER CONJUNTO

O termo lazer se refere ao uso do tempo livre para engajamento em atividades recreativas, escolhidas livremente, que resultem na vivência de afetos positivos. Quando vivido em família, apresenta especificidades, a depender do estágio do ciclo de vida familiar (famílias com filhos pequenos, adolescentes etc), bem como de determinantes históricos e sociais (ORTHNER; BARNETT-MORRIS; MANCINI, 1994).

No Programa Famílias Fortes, os membros da família são estimulados a passar tempo juntos usufruindo da companhia uns dos outros enquanto fazem atividades que gostem. Tal prática fortalece os laços entre jovens e seus responsáveis, alivia o estresse do dia a dia e proporciona a criação de uma atmosfera positiva para a expressão de sentimentos. Pode ser também uma oportunidade para administrar divergências, ansiedades e conflitos. Nesse sentido, o lazer conjunto favorece fatores protetivos na família, incluindo os vínculos entre os membros da família, a comunicação e o manejo de conflitos.

As famílias são encorajadas a organizar momentos de família com lazer conjunto e fazem uma lista de atividades de lazer na qual são elencadas: coisas que são de graça, coisas que custam dinheiro, coisas que fazemos fora de casa, coisas que fazemos em casa. A realização conjunta de lanches ao término do encontro familiar é também uma estratégia para favorecer a organização familiar, ao encorajar rituais cotidianos e promover interações agradáveis e proximidade entre os membros da família.

IDENTIFICAÇÃO DE RECURSOS COMUNITÁRIOS

Um recurso comunitário é tudo aquilo que pode ser utilizado para melhorar a qualidade de vida da comunidade. Isso pode incluir pessoas, estruturas físicas ou lugares, serviços ou negócios. Por isso, qualquer pessoa, lugar, serviço ou negócio pode se tornar um recurso para a comunidade no momento em que contribuir para melhorar a qualidade de vida de seus membros (KU **WORK GROUP FOR COMMUNITY (http://ctb.ku.edu/en/who-we-are)** HEALTH AND DEVELOPMENT, 2016). Nos últimos encontros, em um primeiro momento, os responsáveis listam recursos existentes na comunidade e refletem sobre serviços e pessoas que podem ser contatados para auxiliá-los em determinados problemas. Em seguida, fazem outra atividade para pensar em alguma família que poderia estar precisando de ajuda, refletem sobre quais recursos poderiam indicar para essa família e de que forma poderiam dar apoio.

Em outra atividade, a família brinca com os pés amarrados em uma espécie de amarelinha, cujo céu são as metas e sonhos da família. Cada participante tira um cartão contendo ações positivas ou negativas que os aproximam ou afastam das metas e sonhos, e, muitas vezes, os membros ficam em casas diferentes, sendo necessário esticar-se e equilibrar-se. Apenas quatro famílias amarram os pés, e quem está assentado faz papel de comunidade, com um cartão, para oferecer ajuda a qualquer momento, no qual está escrito: "Vou te salvar! Junte-se ao membro de sua família." Ao final, é feita uma reflexão sobre a relação entre a brincadeira e a vida real, em que, entre outras coisas, discute-se sobre importância de oferecer e pedir ajuda.

Além disso, os responsáveis recebem no caderno de atividades duas frases relacionadas ao apoio social. São elas: "É preciso uma cidade para criar um filho" e "Famílias fortes ajudam outras quando podem e pedem ajuda quando necessário". Eles são estimulados a recortar as frases e colocar em algum lugar visível da casa, como a porta da geladeira. Já os jovens, na atividade de resistir à pressão dos amigos, são estimulados a não apenas recusar os convites para fazer coisas que geram consequências negativas, mas a ajudar seus amigos a fazerem escolhas melhores, influenciando os pares e fortalecendo os laços de amizade.

Os profissionais facilitadores de grupo, parte da comunidade, também exercitam a identificação e utilização de recursos comunitários. O manual solicita aos facilitadores que organizem previamente uma lista de equipamentos e serviços da comunidade para compor a lista desenvolvida pelos responsáveis. Para formar grupos de famílias e executar os encontros, os facilitadores são constantemente estimulados a fazer parcerias e unir recursos comunitários, de forma a não sobrecarregar os serviços e aumentar a qualidade da intervenção.

Momento Cultural

Indicamos o filme *A Rainha do Katwe*, para uma reflexão sobre fatores de risco e protetivos da comunidade, da família e do indivíduo. Assista o trailer abaixo:



PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES: DA TEORIA À PRÁTICA PREVENTIVA AO ABUSO DE DROGAS

RESULTADOS PRELIMINARES DO PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES NO BRASIL

Durante a implementação do PFF, algumas equipes de facilitadores, ao acompanhar os grupos de famílias, fizeram registros de fotos e vídeos com depoimentos e declarações das mudanças ocorridas no dia a dia das famílias. São comuns relatos de que os responsáveis ficam menos irritados e conseguem conversar mais calmamente com os jovens; os jovens ajudam mais nas tarefas domésticas, melhoram o desempenho e adesão escolar; as famílias se abraçam com mais frequência e se divertem mais juntos; e as ferramentas adquiridas no programa são utilizadas com os outros filhos.

Esses resultados estão alinhados aos achados sobre resiliência de curto prazo, discutidos por Bai e Repetti (2015), que demonstram a importância de um ambiente familiar acolhedor, afetuoso e responsivo no desenvolvimento da capacidade de resiliência dos jovens e na manifestação de afetos positivos por parte deles.

Pesquisas na área da resiliência familiar evidenciam que, ao ajudar os responsáveis a proporcionarem esse tipo de ambiente, ocorre um efeito cumulativo na capacidade do jovem em lidar com os estressores do dia a dia, o que reitera os benefícios psicológicos e desenvolvimentais da prevalência de sentimentos positivos no ambiente familiar. As habilidades aprendidas pelos jovens e responsáveis no PFF visam justamente gerar um ambiente familiar acolhedor, afetuoso e responsivo, ou seja, um ambiente em que os sentimentos positivos predominam nas relações e as necessidades são ouvidas, o que é percebido nos depoimentos dos participantes do programa.

Bem, mudou a forma de conversar, de se expressar, de ouvir o outro... mudou muita coisa, ajudou bastante... ficou muito melhor, tipo, a convivência em casa, é como eu disse, a forma de ouvir... agora a gente escuta um ao outro, a gente conversa mais, ao invés de brigar, temos mais diálogo diariamente, é isso. (Adolescente, DF)

Eu e Gustavo, assim, por exemplo, a gente não brincava em casa [...], é um programa que vem assim realmente pra fortalecer, né, pra ajudar, né... ele vem pra compartilhar os conhecimentos junto com os pais e é de super importância para todos, né, então, pra mim, quantas vezes tiver, eu vou querer participar. (Mãe, DF)

O que o Fortalecendo Famílias mudou na minha vida e na da minha família foi a comunicação, a comunicação melhorou muito depois de ter participado desse programa. [...] Nas sessões de acompanhamento a gente fortaleceu mais isso daí e, hoje em dia, a gente tá conseguindo se comunicar melhor. [...] Na parte de dividir tarefas a gente melhorou bastante. (Adolescente, DF)

Eu conheci a Gleici aqui no grupo e viramos amigas. Direto a gente se encontra pra conversar... ela vai lá em casa e eu vou na casa dela. Nossos meninos ficaram amigos também. (Mãe, CE)

Relatos de facilitadores indicam que estes desenvolvem competências para o atendimento às famílias, um olhar diferenciado no tratamento aos usuários do serviço e aumento do vínculo entre os membros da equipe. Muitos facilitadores também têm relatado que o PFF contribuiu para ampliar a percepção positiva sobre si próprios em sua atuação profissional.

Para mim, aplicar o PFF me fortaleceu e veio atender à demanda dos serviços porque realmente as famílias precisam de um trabalho como esse, com base, fundamentado, com experiência e vivência prática, que traz uma mudança radical, às vezes automaticamente já na família, a curto prazo, a longo e médio prazo. Então, pra mim, eu me senti muito orgulhosa e agradecida por eu ter recebido a capacitação e ter conseguido montar o primeiro grupo do programa Famílias Fortes. A alegria maior é perceber e sentir o retorno das famílias que estão participando do programa, tanto dos responsáveis quanto das crianças e adolescentes. Os depoimentos que eles trazem do aprendizado do ganho, do dizer não àquilo que não é bom nem pra ele, pra vida deles e tampouco pras famílias. E as famílias satisfeitas em ver o retorno de seus filhos é... com novas atitudes, atitudes construtivas, atitudes de amor, uso de diálogo e de carinho. (Facilitadora Assistência Social, SP)

Achei interessante como mudou minha visão em relação aos pacientes que chegam pra mim. Quando começo a ouvir a pessoa falando, eu já olho a história toda, e enxergo além do que ela tá me falando. É interessante como expandiu os olhares. (Multiplicadora Saúde, SP)

Eles marcaram um piquenique, você acredita? Combinaram entre eles e convidaram a gente pra participar. Fiquei surpresa e eles falaram: 'É claro! É muito bom a gente se reunir assim!'. Achei muito boa a iniciativa deles. (Facilitadora Assistência Social, DF)

É muito interessante esse programa. Enquanto eu assistia à formação, ficava lembrando das coisas lá em casa. Estou cuidando da minha sobrinha, e ela é adolescente, só quer ficar dentro quarto, me responde e não obedece. Tem a ver com a situação dos pais dela... Mas vou ficando nervosa e já chego gritando, brigando, mandando ela arrumar as coisas dela. Aqui na formação eu vi aquela atividade da 'Frase que começa com EU' e fui experimentar usar com ela. Na hora ela levantou e foi arrumar o quarto, e depois falou: 'Nossa, tia! O que que tá acontecendo com a senhora? A senhora tá muito diferente. Bateu com a cabeça?' (risos). Eu fiquei super feliz. Assim é muito menos estressante, e eu gosto dela, quero ficar com ela. (Facilitadora em formação, AC)

Pense nisso...

É comum as questões do uso e abuso de drogas serem tratadas como problemas individuais. Você consegue perceber a importância dos aspectos familiares e sociais na prevenção do uso problemático dessas substâncias?

PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES: DA TEORIA À PRÁTICA PREVENTIVA AO ABUSO DE DROGAS

DESAFIOS E PERSPECTIVAS



CONTEÚDO INTERATIVO



<https://youtu.be/KZAbO2i5QGQ>

PROGRAMA FAMÍLIAS FORTES: DA TEORIA À PRÁTICA PREVENTIVA AO ABUSO DE DROGAS

Síntese Reflexiva

Este módulo caracterizou o Programa Famílias Fortes, descreveu brevemente sua história no Brasil, apresentou as diversas bases teóricas que o sustentam e discutiu os processos protetivos que se pressupõe serem desenvolvidos nas famílias participantes. Para além dos aspectos teóricos e mecanismos de mudança previstos no PFF, foram também abordados os desafios na implementação e resultados preliminares observados na prática profissional. Os relatos de diferentes atores envolvidos no programa parecem estar em consonância com o que as teorias preconizam, apontando mudanças compatíveis com processos de resiliência de curto prazo. Contudo, conclusões devem aguardar até que avaliações de efetividade sejam realizadas. Enquanto isso, espera-se que as discussões travadas no presente texto amparem novas explorações do Programa Famílias Fortes e encorajem análises acerca das bases dessa e outras ações focadas no fortalecimento de vínculos familiares e comunitários na prevenção ao uso problemático de álcool e outras drogas no Brasil.

Com base no exposto aqui, questionamos: a leitura deste texto modificou sua forma de pensar as intervenções destinadas ao fortalecimento dos vínculos familiares em sua prática profissional? Que novas informações ele lhe proporcionou?

Agradecemos a **Adriano Silva Sampaio-Souza** pela oferta de literatura que facilitou a elaboração de partes deste texto.

REFERÊNCIAS

Textos

ABREU, S. **Prevenção em saúde mental no Brasil na perspectiva da literatura e de especialistas da área**. 2012. Dissertação de mestrado não publicada) – Universidade de Brasília, Brasília. 2013.

AGER, A. Annual research review: resilience and child well-being-public policy implications. **The Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 54, n. 4, p. 488-500, 2013.

ALLEN, D.; COOMBES, L.; FOXCROFT, D. R. Cultural accommodation of the strengthening families programme 10–14: UK Phase I study. **Health Education Research**, v. 22, n. 4, p. 547-560, 2007.

ALLEN, D.; FOXCROFT, D. R.; COOMBES, L. **Programa Fortalecendo Famílias para participantes de 10 a 14 anos: guia para líderes de grupo** (V. Rocha *et al.*, Trad.). Brasília: Ministério da Saúde, Coordenação de Saúde Mental, Álcool e Drogas, 2014.

ARENARI, B.; DUTRA, R. A construção social da condição de pessoa: premissas para romper o ciclo vicioso de exclusão e uso problemático do crack. In J. Souza (Org.) **Crack e exclusão social**, v.1, cap. 8, p. 191-208, Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2016.

AUNOLA, K.; STATTIN, H.; NURMI, J. E. Parenting styles and adolescents' achievement strategies. **Journal of Adolescence**, v. 23 n. 2, p. 205-222, 2000.

BAI, S.; REPETTI, R. L. Short-term resilience processes in the family. **Family relations**, v. 64, n. 1, p. 108-119, 2015.

BAUMRIND, D. Current patterns of parental authority. **Developmental Psychology Monographs**, v. 4, n. 1, p.1-103, 1971.

- BAUMRIND, D. The discipline encounter: contemporary issues. **Aggression and Violent Behavior**, v. 2, n. 4, p. 321-335, 1997.
- BARROS, M.; BATISTA-DOS-SANTOS, A. C. Por dentro da autoeficácia: um estudo sobre seus fundamentos teóricos, suas fontes e conceitos correlatos. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 112, p. 1-9, 2010.
- BÉNÉ, C. *et al.* Review article: Resilience, poverty and development. **Journal of International Development**, v. 26, n. 5, p. 598-623, 2014.
- BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. A qualidade da interação positiva e da consistência parental na sua relação com problemas de comportamento de pré-escolares. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 41, n. 3, p. 349-358, 2007.
- CASTRO, F. G.; BARRERA JR, M.; MARTINEZ JR, C. R. The cultural adaptation of prevention interventions: Resolving tensions between fidelity and fit. **Prevention Science**, v. 5, n. 1, p. 41-45, 2004.
- COREA M. L.; ZUBAREW T.; VALENZUELA M. T.; SALAS F. Evaluación del programa "Familias fuertes: amor y límites" en familias con adolescentes de 10 a 14 años. **Revista médica de Chile**, v. 140, n. 6, p. 726-731, 2012.
- CERQUEIRA, D. *et al.* **Atlas da Violência**. Brasília: IPEA, p. 18-25, 2016.
- COSTA, A. A. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. **Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA**, 2000.
- DARLING, N.; STEINBERG, L. Parenting style as context: An integrative model. **Psychological Bulletin**, v. 113, n. 3, p. 487-496, 1993.
- DE SOUZA, L. K.; HUTZ, C. S. Relacionamentos pessoais e sociais: Amizade em adultos. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 2, p. 257-265, 2008.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- DINIZ, E.; KOLLER, S. H. O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 36, p. 65-76, 2010.
- DORNBUSCH, S. M. *et al.* The relation of parenting style to adolescent school performance. **Child Development**, v. 58, n. 5, p. 1244-1257, 1987.
- FEHR, B. **Friendship processes**. London: Sage, 1996.
- FONSÊCA, P. N. *et al.* Hábitos de estudo e estilos parentais: estudo correlacional. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, n. 2, p. 337-345, 2014.
- FOXCROFT, D. R. *et al.* Longer-term primary prevention for alcohol misuse in young people: a systematic review. **Addiction**, v. 98, n. 4, p. 397-411, 2003.
- GARCIA, L.; KINOSHITA, R. T.; MAXIMIANO, V. Uma perspectiva social para o problema do crack no Brasil: implicações para as políticas públicas. In: F. I. Bastos e N. Bertoni (Eds.). **Pesquisa nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? Quantos são nas capitais brasileiras?** Rio de Janeiro: Editora ICICT/FIOCRUZ, 2014. p. 147-155.
- GOMIDE, P. I. C. **Pais presentes, pais ausentes**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GRATZ, K. L.; TULL, M. T. Emotion regulation as a mechanism of change in acceptance- and mindfulness-based treatments. In: R. A. Baer (Ed.). **Assessing mindfulness & acceptance process in clients**. Oakland: New Harbinger Publications, 2010.
- HENRY, C. S.; MORRIS, A. S.; HARRIST, A. W. Family resilience: moving into the third wave. **Family Relations**, v. 64, p. 22-43, 2015.
- KU WORK GROUP FOR COMMUNITY HEALTH AND DEVELOPMENT, 2016. Disponível em: <<http://ctb.ku.edu/en/who-we-are>> (<http://ctb.ku.edu/en/who-we-are>). Acesso em: 10 jan. 2017.
- KULIG, J. C. *et al.* Community resiliency: emerging theoretical insights. **Journal of Community Psychology**, v. 41, p. 758-775, 2013.

- KUMPFER, K. Family-based interventions for the prevention of substance abuse and other impulse control disorders in girls. **ISRN Addiction**, 2014.
- KUMPFER, K. L.; ALVARADO, R. Family-strengthening approaches for the prevention of youth problem behaviors. **American Psychologist**, v. 58, p. 457-465, 2004.
- KUMPFER, K.; BLUTH, B. Parent/child transactional processes predictive of resilience or vulnerability to “substance abuse disorders”. **Substance Use & Misuse**, v. 39, n. 5, p. 671-698, 2004.
- KUMPFER, L, K. *et al.* Effectiveness outcomes of four age versions of the Strengthening Families Program in statewide field sites. **Group Dynamics: Theory, Research, and Practice**, v. 12, n. 3, p. 211-229, 2014.
- LAMBORN, S. *et al.* Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglect-full homes. **Child Development**, v. 62, n. 5, p. 1049-1065, Oct. 1991.
- LOCATELLI, A. C. D.; BZUNECK, J. A.; GUIMARÃES, S. E. R. A motivação do adolescente em relação com a perspectiva de tempo futuro. **Psicol., Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 268-276, 2007.
- MACCOBY, E.; MARTIN, J. Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In: HETHERINGTON, E. M. (Ed.); MUSSEN, P. H. (Series Ed.), **Handbook of child Psychology**. New York: Wiley, 1983. p. 1-101. (Socialization, personality, and social development, v. 4).
- MASTEN, A. S.; MONN, A. R. Child and family resilience: a call for integrated science, practice, and professional training. **Family Relations**, v. 64, p. 5-21, 2015.
- MEDEIROS, P. F. P. *et al.* M. Process evaluation of the implementation of the Unplugged Program for drug use prevention in Brazilian schools. **Substance Abuse Treatment, Prevention, and Policy**, v. 11, n. 2, p. 1-11, Jan. 2016.
- MIRANDA, A. A. V. **Prevenindo o uso abusivo de drogas: uma análise da difusão do Programa Famílias Fortes no Brasil**. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/21363> (<http://repositorio.unb.br/handle/10482/21363>)>. Acesso em: 15 mar. 2017.
- MOLGAARD, V. K.; SPOTH, R. L.; REDMOND, C. Competency training. The Strengthening Families Program: For Parents and Youth 10-14. **Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention**, Aug. 2000. Disponível em: <www.ncjrs.gov/html/ojjdp/2000_8_1/contens.html (http://www.ncjrs.gov/html/ojjdp/2000_8_1/contens.html)>. Acesso em: 23 mar. 2017.
- MURTA, S. G. *et al.* **Avaliação de necessidades para adaptação cultural do Programa Famílias Fortes no Brasil**. Artigo submetido à publicação, 2016.
- OLIVEIRA, C. D. *et al.* Bem-estar subjetivo: estudo de correlação com as Forças de Caráter. **Avaliação Psicológica**, v. 15, n. 2, 177-185, 2016.
- ORPINAS, P. *et al.* Lessons learned in evaluating the Familias Fuertes program in three countries in Latin America. **Revista Panamericana de Salud Pública**, Washington, v. 36, n. 6, p. 383-390, Dec. 2014.
- ORTEGA, E. *et al.* Cultural adaptation of the strengthening families program 10-14 to Italian families. **Child & Youth Care Forum**, v. 41, n. 2, p. 197-212, 2012.
- ORTE-SOCIAS, C.; AMER-FERNÁNDEZ, J. Cultural adaptations of the Strengthening Families Program in Europe: A case example of an evidence-based family education program. **Estudios sobre Educación**, v. 26, p. 175-195, 2014.
- ORTHNER, D. K.; BARNETT-MORRIS, L.; MANCINI, J. A. Leisure and family over the life cycle. In L. L'Abate (Ed.). **Handbook of developmental family psychology and psychopathology**. New York: John Wiley & Sons, Inc, 1994. p. 176-201.
- PEDROSO, R. T.; ABREU, S.; KINOSHITA, R. T. Aprendizagens da intersetorialidade entre saúde e educação na prevenção do uso de álcool e outras drogas. **Textura**, v. 33, p. 9-24, 2015.

PÉREZ, J. M. E. *et al.* Prevención familiar del consumo de drogas: el programa Familias que funcionan. **Psicothema**, v. 21, n. 1, p. 45-50, 2009.

ROOKE, M. I.; PEREIRA-SILVA, N. L. Resiliência familiar e desenvolvimento humano: análise da produção científica. **Psicologia em Pesquisa**, v. 6, n. 2, p. 179-186, 2012.

SANTOS, J. L. F. *et al.* A relação entre os estilos parentais e o engajamento escolar. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 4, p. 759-769, 2014.

SANTOS, K. B.; MURTA, S. G. Influência dos pares e educação por pares na prevenção à violência no namoro. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 36, p. 787-800, out./dez. 2016.

SCHNEIDER, D. R. *et al.* Evaluation of the implementation of a preventive program for children in Brazilian school. **Psicol. cienc. prof.**, v. 36, n. 3, p. 508-519, set. 2016.

SILVA, M. R. S. **A construção de uma trajetória resiliente durante as primeiras etapas do desenvolvimento da criança:** o papel da sensibilidade materna e do suporte social. 2003. 160 p. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Pós Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SILVESTRE, N. A. C.; FELDMAN, A. K. T.; MILAN, C. G. C. Identidade comunitária e histórica do negro em Sou Negro, de Solano Trindade e Negro, de Langston Hughes. **Revista Temporis** [ação], Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, Goiás, v. 15, n. 1, p. 97-116 de 168, jan./jun., 2015. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/view/187/showToc> (<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/view/187/showToc>>). Acesso em: 20 abr. 2017.

SKÄRSTRAND, E.; LARSSON, J.; ANDRÉASSON, S. Cultural adaptation of the Strengthening Families Programme to a Swedish setting. **Health Education**, v. 108, n. 4, p. 287-300, 2008.

SLICKER, E. K. Relationship of parenting style to behavioral adjustment in graduating high school seniors. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 27, n. 3, p. 345-372, 1998.

SPOTH, R. L. *et al.* Benefits of universal intervention effects on a youth protective shield 10 years after baseline. **Journal of Adolescent Health**, v. 50, n. 4, p. 414-417, 2012.

SPOTH, R.; GUYLL, M.; SHIN, C. Universal intervention as a protective shield against exposure to substance use: Long-term outcomes and public health significance. **American Journal of Public Health**, v. 99, n. 11, p. 2026-2033, 2009.

STEINBERG, L. We know some things: Adolescent-parent relationships in retrospect and prospect. **Journal of Research on Adolescence**, v. 11, n. 1, p. 1-19, 2001.

STEINBERG, L.; DARLING, N.; FLETCHER, A. C. Authoritative parenting and adolescent adjustment: An ecological journey. In: MOEN, P.; ELDER, G. H. Jr.; LUSCHER, K. (Orgs.). **Examining lives in context:** perspectives on the ecology of human development. Washington: APA, 1995. p. 423-466.

STEINBERG, L.; ELMEN, J.; MOUNTS, N. Authoritative parenting, psychosocial maturity, and academic success among adolescents. **Child Development**, v. 60, n. 6, p. 1424-1436, 1989.

THE EVIDENCE-BASED prevention and intervention center, Fact Sheet Created by the Evidence-based Prevention & Intervention Support Center (EPISCenter) at Penn State University. 2014. Disponível em: <http://episcenter.psu.edu/sites/default/files/ebp/2_14_14%20SFP%2010-14%20Fact%20Sheet.pdf (<http://episcenter.psu.edu/sites/default/files/ebp/2_14_14%20SFP%2010-14%20Fact%20Sheet.pdf>). Acesso em: 20 mar. 2017.

THE EVIDENCE-BASED Prevention and Intervention Center, Logic Model Created by the Evidence-based Prevention & Intervention Support Center (EPISCenter) at Penn State University. 2013. Disponível em: <<http://episcenter.psu.edu/sites/default/files/13-06-10%20Full%20SFP%2010-14%20Logic%20Model.pdf> (<<http://episcenter.psu.edu/sites/default/files/13-06-10%20Full%20SFP%2010-14%20Logic%20Model.pdf>>). Acesso em: 20 mar. 2017.

14%20Logic%20Model.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2017.

TONI, C. G. S.; HECAVEÍ, V. A. Relações entre práticas educativas parentais e rendimento acadêmico em crianças. **Psico USF**, v. 19, n. 3, p. 511-521, 2014.

VASQUEZ, M. et al. Evaluation of a Strengthening Families (Familias Fuertes) Intervention for Parents and Adolescents in Honduras. **The Southern Online Journal of Nursing Research**, v. 10, n. 3, p. 1-25, 2010.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência**: os jovens do Brasil. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, p. 156-168, 2014.

WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar**. Tradução: Magda França Lopes. São Paulo: Roca, 2005[1998].

WALSH, F. (Ed.). **Normal family processes**: growing diversity and complexity. Guilford Press, 2012.

WEBER, L. N. D.; BRANDENBURG, O. J.; VIEZZER, A. P. A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. **Psico-USF**, v. 8, n. 1, p. 71-79, 2003.

WEBER, L.; SALVADOR, A. P.; BRANDENBURG, O. **Programa de qualidade na interação familiar**. Manual para aplicadores. Curitiba: Juruá, 2005.

YOON, Y.; NEWKIRK, K.; PERRY-JENKINS, M. Parenting stress, dinnertime rituals, and child well-being in working-class families. **Family Relations**, v. 64, p. 93-107, 2015.